

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CAMILO MATTAR RAABE

OS *PROSCRITOS* DE DYONELIO MACHADO

Porto Alegre
2014

CAMILO MATTAR RAABE

OS *PROSCRITOS* DE DYONELIO MACHADO

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Regina Kohlrausch

Porto Alegre
2014

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo o preparo da edição de *Proscritos*, romance inédito de Dyonelio Machado, a partir do manuscrito presente no espólio do escritor, aos cuidados do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, não publicado por desinteresse do mercado editorial e pela censura que seu autor sofreu por suas concepções estético-ideológicas. Escrito no ano da instauração do regime militar no Brasil, 1964, *Proscritos* é o segundo romance da trilogia *Os flagelantes*, iniciada com *Endiabrados*, publicado em 1980 e agraciado com o Prêmio Jabuti, cerca de vinte anos depois de sua escritura, seguido de *Terceira Vigília*, também inédito. Primeiramente será desenvolvido um estudo introdutório sobre a vida e a obra do escritor, buscando elucidar os motivos que dificultaram a circulação de sua literatura, englobando aspectos políticos e estéticos. Num segundo momento será especificada a proposta de edição, fundamentada pela crítica textual, seguido do trabalho de fixação do texto e seu aparato de notas, assim como da edição fac-similar do manuscrito.

Palavras-chave: Dyonelio Machado. Literatura brasileira. Crítica textual.

ABSTRACT

The objective of the present study is the edition of an inedited romance of Dyonelio Machado, based on the manuscript present in DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, ignored by the editors because of the censure his author's suffered against his esthetical and ideological ideas. Written in the year of the military dictatorship instauration in Brasil, 1964, *Proscritos* is the second volume of the trilogy *Osflagelantes*, with the first volume, *Endiabrados*, published in 1980 and winner of PrêmioJabuti, twenty years after written. First is developed an introductory study about Dyonelio Machado's life and the work, aiming to elucidate the difficulties he found to be published and accepted by the public, involving esthetical and ideological aspects. In a second moment, it will be specified the plan for the edition, based on textual criticism, focusing the procedures to fix the text and to prepare de facsimile edition, both presented in the end of the work.

Keywords: Dyonelio Machado. Brazilian literature. Textual criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 DYONELIO MACHADO	10
1.1 BIOBIBLIOGRAFIA DO AUTOR.....	10
1.2 ACERVO DYONELIO MACHADO.....	23
2 PROSCRITOS E A DIFICULDADE EDITORIAL	25
2.1 DYONELIO MACHADO E A DIFICULDADE EDITORIAL.....	25
2.2 TRILOGIA OS <i>FLAGELANTES</i>	40
3 POR UMA PROPOSTA DE EDIÇÃO TEXTUAL	47
3.1 NOÇÕES TEÓRICAS DA CRÍTICA TEXTUAL.....	47
3.2 DESCRIÇÃO DO MATERIAL.....	51
3.3 NOÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LINGUAGEM LITERÁRIA DE DYONELIO MACHADO.....	51
3.4 PROPOSTA PARA A EDIÇÃO.....	57
3.5 APARATO CRÍTICO.....	60
4 FIXAÇÃO DO TEXTO	61
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS	66
ANEXO 1 – Edição fac-similar do 1º capítulo	69
ANEXO 2 – Edição fac-similar de <i>Proscritos</i> (em DVD)	

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo o preparo da edição de *Proscritos*, romance inédito de Dyonelio Machado, a partir do manuscrito presente no espólio do escritor, aos cuidados do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, não publicado por desinteresse do mercado editorial e pela censura que seu autor sofreu por suas concepções estético-ideológicas. Escrito no ano da instauração do regime militar no Brasil, 1964, *Proscritos* é o segundo romance da trilogia *Os flagelantes*, iniciada com *Endiabrados*, publicado em 1980 e agraciado com o Prêmio Jabuti, cerca de vinte anos depois de sua escritura, seguido de *Terceira Vigília*, também inédito.

Dyonelio Machado foi influente escritor da segunda geração do Modernismo e um dos nomes mais significativos do romance de 1930. Sua literatura explora a condição do homem urbano em meio à arbitrariedade e a opressão do sistema em que inseridos, inaugurando nova temática e estética no panorama literário da época¹. Autor de uma obra de vanguarda, foi mal recebido em meio aos padrões em voga, o que, aliado a concepções revolucionárias de ideologia marxista, dificultou a edição de seus trabalhos, chegando a passar vinte anos sem publicar, mesmo depois de ter conquistado premiações nacionais.

A ideia de preparar a edição de *Proscritos* surgiu a partir de minha participação como bolsista de Iniciação Científica do Acervo Dyonelio Machado, de 2009 a 2011. Nesse período pude conhecer os materiais do espólio de um intelectual com influente atuação em distintos âmbitos da cultura do Rio Grande do Sul – Medicina, Literatura, Jornalismo e Política. A riqueza do Acervo, tanto em termos de quantidade de materiais, pela amplitude dos assuntos abordados, assim como pela qualidade e importância histórica dos documentos, é pouco explorada, motivo pelo qual venho, desde 2009, estudando e desenvolvendo meus trabalhos a partir de manuscritos e documentos de Dyonelio Machado, mais precisamente sobre seu processo de criação e sua linguagem literária.

O manuscrito de *Proscritos* foi datiloscrito, apresentando diversas reescrituras, de modo a dificultar sua leitura. As folhas estão amareladas pelo tempo, com algumas partes danificadas, mas não comprometendo sua legibilidade. Dado como finalizado e tendo o autor mencionado a vontade de publicá-lo, urge a necessidade da edição do romance, parte de uma trilogia de significativa importância na literatura dyoneliana, não editado pelo descompasso

¹ Estudado por Maria Zenilda Grawunder, especialmente em *Instituição literária: Análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*, 1997.

das ideias do escritor com as da época, assim como pela censura que sofreu por sua atuação política.

Considerando as condições do manuscrito de *Proscritos*, propõem-se dois tipos de edições. A primeira consiste no processo de fixação textual e atualização do texto, de modo a facilitar sua acessibilidade e circulação, possibilitando a edição que o autor não teve em vida. A segunda é uma edição fac-similar do documento, ilustrando as diversas escrituras do romance e a beleza plástica do manuscrito, além de assegurar seu registro numa mídia digital, com maior difusão. A edição fac-similar é apresentada num DVD, possibilitando a ampliação das imagens para melhor leitura, ainda contando com o primeiro capítulo da obra impresso, a fim de aproximar os leitores da realidade do manuscrito.

Para a apresentação de *Proscritos* é desenvolvida, no primeiro capítulo, uma apreciação biobibliográfica de Dyonelio Machado, visto sua importância para a compreensão do silêncio imposto a sua literatura. Nesse sentido, são usados depoimentos do escritor, considerações de críticos sobre seus trabalhos, além dos estudos englobando sua biografia, como *Dyonelio Machado: o homem – a obra*, de Rodrigues Till, e os de Maria Zenilda Grawunder, especialmente *Instituição literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*.

No segundo capítulo são abordados os motivos pelos quais um literato clássico do modernismo teve tanta dificuldade para editar suas obras – focando especialmente a trilogia *Os flagelantes* -, aspectos comentados pelo mesmo em entrevistas e depoimentos cedidos ao longo de seus quase noventa anos de vida. Além do testemunho do escritor, em reportagens jornalísticas e em seu livro de memórias, são considerados os trabalhos de Grawunder e de demais críticos sobre Dyonelio Machado, buscando elucidar os motivos subjacentes à falta de editores para sua literatura e o seu lento processo de afirmação no sistema literário.

Na terceira parte do trabalho é especificada a proposta da edição de *Proscritos*, em especial o que tange à fixação textual. Primeiramente, é desenvolvida uma revisão teórica da crítica textual, fundamentada por estudiosos como Segismundo Spina, Alberto Blecua e César Nardelli Cambraia, para então ser apresentada uma descrição do manuscrito. Paralelamente à apresentação da proposta de fixação textual e edição do texto, contando com o aparato crítico, é desenvolvido um estudo sobre a linguagem literária de Dyonelio Machado, a partir de concepções do próprio escritor sobre o tema, presente em entrevistas e em documentos do Acervo, noções esclarecedoras para a aproximação de uma edição o mais próxima possível do que seria sua última vontade em relação ao manuscrito.

A proposta em pauta surge como uma necessidade de valorização da obra de Dyonelio Machado: uma dívida a ser paga pela negligência da instituição literária para com o escritor, mas, sobretudo, à liberdade da literatura. Tal liberdade não diz respeito apenas à opressão explícita das duas ditaduras que vivenciou no século XX, mas também à opressão determinada pelas condições da lógica capitalista sobre a arte, que a subjuga num sistema poluído pela publicidade. *Proscritos* mimetiza um pouco da realidade que o silenciou, assim como nele é possível ler muito de Dyonelio e sua crítica sobre um mundo corrupto e de valores questionáveis, como um desabafo – ou um processo de sublimação, concepção tão cara a seu autor. Cinquenta anos depois de sua escritura, sua atualidade perturba: resta saber se o romance do afamado escritor maldito ganhará ouvidos, ou permanecerá, assim como sugere seu nome, proscrito.

1 DYONELIO MACHADO

1.1 Biobibliografia do autor

Dyonelio Tubino Machado (1895, Quaraí – 1985, Porto Alegre) foi escritor da segunda geração do Modernismo, com influente atuação nos campos da Literatura, assim como da Medicina, da Política e do Jornalismo. Sua ampla formação reflete na qualidade de sua obra literária, sobretudo pelo fato de biografia e ficção estarem diretamente ligadas: acontecimentos marcantes da vida do escritor foram determinantes para sua produção artística, contribuindo para o desenvolvimento de uma literatura autônoma, singular, de vanguarda em vários aspectos.

Primeiramente, a terra em que nasceu, nas palavras do próprio:

Eu sou de uma terra de imaginação. O gaúcho, aquela vida segregada na estância, com um convívio muito limitado, aquilo leva às fantasias, aos sonhos, ao conto, à história... De muito cedo a gente está neste mundo de ficção. Eu penso que foi isso que me levou. Minha cidade, Quaraí, é um lugarejo de três mil habitantes. Era aquela solidão numa savana, uma casa a léguas de distância da outra, naquele campo. Aquela solidão leva ao sonho, tem que se conviver com alguma realidade e a realidade que está mais a mão é o sonho, é a ficção...²

DM³ nasceu em Quaraí, cidade fronteira com o Uruguai, de grande produção pecuária – característica do pampa gaúcho -, também palco de sangrentas batalhas, tal a revolução federalista – após a Guerra do Paraguai – de 1893, motivos das histórias contadas nas rodas de chimarrão da campanha. Dessa tradição veio muito da herança mítica e fantasiosa do escritor, mas também da herança de guerras e desgraças: é o caso da prisão a céu aberto, o Cati, sob o comando do general castilhista João Francisco Pereira de Souza, conhecido como a “Hiena do Cati”, encarregado de ‘acabar’ com os liberais maragatos, lugar conhecido pelas frequentes degolas – tais elementos são evidenciados claramente no romance *O louco do Cati*, também motivado pelo encarceramento e perseguição política de DM.

De um ramo simples da família, os problemas financeiros pioraram com a morte de seu pai, morto a punhal numa rusga – uma trapaça, pois o duelo era sem armas -, tendo apenas 7 anos. Por tal motivo começou a trabalhar, logo aos oito anos, a fim de ajudar sua mãe, costureira, vendendo bilhetes lotéricos – trabalho do qual recorda um fato: teve de vender um bilhete para o assassino de seu pai:

² MACHADO, Dyonelio. In: CARDOSO, Ivan; PIGNATARI, Décio. O centauro dos pampas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Letras, p. 6.1-6.2, 21 dez. 1991.

³ O nome de Dyonelio Machado será usado em sua forma abreviada, DM.

Apareceu-me o nosso inimigo, que era tido como o autor do assassinato de meu pai. Não queiram passar pelo momento que passei. Negociar com quem me fizera órfão era renegar uma adoração que nada abalaria. Mas trocar por dinheiro os poucos bilhetes de loteria que eu carregava, era obter meio quilo de carne. Cedi. Nossa transação se fez sem palavras. Sabia também o que me esperava em casa: era minha mãe chorando. Foi meu primeiro trabalho e eu tinha oito anos.⁴

Aos sete anos estreou na literatura, com o poema “As calças do babadão”, sobre umas calças largas que sua mãe fizera para ele, porém o envergonhava pelo seu tamanho, ao mesmo tempo que era sinônimo de respeito, dada as condições financeiras da família. Esse marco zero da literatura dyoneliana ilustra a relação do homem e da obra, que perdurará ao longo de sua vida, constituindo um dos fatores que levaram o escritor a uma intransigência acerca do material a ser expresso nas criações artísticas:

Sua estreia na literatura anteciparia, de certa maneira, uma marca que caracterizaria a literatura que produziria no futuro: a sublimação das experiências mais negativas da vida..., bastante verificar-se que dos episódios da sua prisão, no biênio 1934-1935, tirou nada mais nada menos do que material imediato para quatro romances. (HOHLFELDT, 1987, p. 18).

Em Quaraí teve suas primeiras experiências literárias, que serviam de fuga da monotonia e desolação do pampa, como salienta em entrevistas e em seu livro póstumo, *Memórias de um pobre homem*, 1990. Na primeira década do século XX, lia os poucos clássicos aos quais tinha acesso, obras de Balzac, João do Rio, Eça de Queiroz, Paulo Mantagazza; na mesma época chegou a participar da fundação do jornal *O Martelo*, editado com uma tipologia desigual, que contribuía para a divulgação literária no município.

Em 1912, já em Porto Alegre, estudou na escola de Afonso Emílio Meyer, a fim de ingressar no curso de Medicina, no centro da cidade, morando em uma república, intitulada “República do Império” – um trocadilho, pois os estudantes viviam numa república situada no Beco do Império, soando paradoxal pela ideologia dos participantes. Essa época é a que o escritor reconhece ter sido o momento com vida literária mais ativa de sua vida, em conjunto com outros estudantes, dentre os quais Hermínio Freitas e João Leopoldino Santana. Mais tarde juntaram-se a tal grupo outras figuras que vieram a ter significativa influência no âmbito cultural, Celestino Prunes, depois um dos primeiros psicanalistas de Porto Alegre, De Sousa Júnior, Alceu Wamosy. Nesse grupo de intelectuais, também conhecido como a turma da Praça da Harmonia, participavam os poetas Eduardo Guimaraens e Almir Alves, que se

⁴ STEEN, Edla van (Org.). Dyonelio Machado. In: *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982, v. 2, p. 123-139.

tornou neurocirurgião, estagiou nos EUA, trouxe a eletroencefalografia para Porto Alegre e realizou a maioria das cirurgias de lobotomia no Hospital São Pedro. (PICCININI, 2008).

Em 1916, sem ter conseguido entrar no curso de Medicina, DM foi para Quaraí, momento em que dirigiu o Colégio Municipal – onde conheceu sua esposa, professora de Música – e também atuou no âmbito jornalístico, contribuindo para *A Gazeta do Alegrete*, e dirigindo o jornal *O Cidadão*, de sua cidade. Terminada a Primeira Guerra Mundial, voltou para Porto Alegre, onde lecionou Português para estrangeiros, e, gradualmente, passou a publicar críticas e contos em revistas, como *A Tela*, *A Máscara*, *Horizonte*; e em jornais como *Diário de Notícias* e *Correio do Povo*. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 50).

Em 1920, DM submeteu-se a um concurso público na Secretaria de Obras Públicas, no governo de Borges de Medeiros, sendo nomeado, pelo próprio Presidente do Estado, ajudante do almoxarife do Almoxarifado Central, Seção de Compras do órgão responsável pela construção do porto. De Sousa Júnior também foi admitido, na mesma oportunidade, pelo Secretário do Estado, intensificando sua relação com o escritor. Nessa ocupação, também foi fortalecido o laço de amizade com Francisco Bellanca, artista plástico a quem Dyonelio admirava e que viria a contribuir para a capa das suas primeiras obras publicadas: *Política contemporânea*, 1923, *Um pobre homem*, 1927, e *Uma definição biológica do crime*, 1933. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 50).

Numa crescente atividade do âmbito da política e do jornalismo, fundou o jornal *A Informação*, em 1921, com Theóphilo de Barros e De Sousa Júnior, que funcionava como órgão do partido republicano – ao lado de *A Federação* – e que não durou um ano de circulação. O jornal atacava abertamente Epitácio Freitas e o bernardismo, levando Borges de Medeiros a chamar sua direção ao Palácio, pedindo moderação nos pronunciamentos bem como a suspensão, até segunda ordem, dos ataques ao Presidente e a Calógeras, Ministro da Guerra. Com o mesmo grupo editorial também fundou o *Farrapo*, em 1922, criticando o bernardismo, Epitácio Freitas e Washington Luiz, deixando de funcionar em sua oitava edição, no mesmo ano de sua criação, no dia 12 de julho, em meio à agitação política que tomava conta do país: no dia 5 de julho alguns tenentes marcharam sobre o calçadão de Copacabana, instaurando um movimento revolucionário que ficou conhecido como o levante dos “18 do Forte”.⁵ (GRAWUNDER, 1997 A, p. 51-52).

⁵ Acerca dos jornais *A informação* e *Farrapo*, de caráter republicano, é pertinente ressaltar que existe no espólio do autor os exemplares completos dos dois títulos, em ótimo estado de conservação, à disposição dos pesquisadores interessados. Como pude averiguar, ainda não foi realizado nenhum estudo acerca dos jornais, o que ilustra a ampla gama de possibilidades de pesquisas a serem desenvolvidas sobre o Acervo Dyonelio Machado.

Um elemento que merece ressalva é uma espécie de diário presente no espólio do escritor, intitulado *Narrativas diárias dos factos mais importantes que se passam connigo*, iniciado no ano de 1922. Nele são apontados registros detalhados, de 1922 a 1923, e registros esparsos até o ano de 1926, sobre a agitação política e acontecimentos centrados no Rio de Janeiro, contando com prisões de opositores do governo de Epitácio Pessoa. As informações do diário expressam a íntima relação entre a política e o fazer jornalístico, colecionando informações acerca dos jornais editados por Dyonelio nesse período, ainda sobre anseios do escritor em criar outros veículos, como a fundação de uma revista de política e arte antes do surgimento de *Farrapo*. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 51).

Outro fato interessante acerca desse diário é que não há nenhum apontamento sobre os movimentos estético-literários que culminaram na Semana de Arte Moderna, com a influência das vanguardas modernistas europeias, trazidas ao Brasil por Graça Aranha. Esse distanciamento com a vertente estética inaugurada pela Semana é importante para a compreensão da literatura dyoneliana: enquanto para o intelectual sulino os modernistas pareciam “viver nas nuvens” – conforme mencionou posteriormente⁶ -, o mesmo estava muito mais atento às contingências de sua atuação política, mantendo correspondência com correligionários do Partido Republicano no Estado.

DM, além de ter fundado jornais e contribuído com revistas e jornais com crônicas, artigos políticos e ensaios – muitas vezes escritos sob pseudônimo -, participou da fundação da Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI), com sua primeira reunião no dia 17 de outubro de 1920. De 1922 a 1923, participou como Bibliotecário da entidade, chegando a assumir sua presidência no ano de 1923. (TILL, 1995, p. 73-74).

O envolvimento de DM na política assim como no jornalismo substanciou os fundamentos de sua personalidade intelectual, característica presente em seu primeiro livro publicado. Em 1922, escreveu três ensaios, publicados pela editora Globo no ano seguinte, através de recursos próprios do autor: *Política Contemporânea: três aspectos*. A obra consiste num estudo crítico da política brasileira da época, originária de artigos publicados na imprensa diária, num número dedicado ao centenário da independência do Brasil. É dividida em três partes: “Relações Econômicas da Paz”, “Polícia Militar do Brasil e Sua Repercussão na Vida Continental” e “A Revolução”, revelando o envolvimento político do escritor com o seu tempo, num engajamento que viria a caracterizar seus trabalhos de ficção:

⁶ ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975.

A data que me levou a apreciar como interessante achava-se impregnada da atmosfera ígnea da Primeira Guerra Mundial: a Grande Guerra. Como o Brasil tomara parte no drama, tornava-se obrigatório, a quem se ocupa desses assuntos, enfocar o procedimento do nosso país em função dos tremendos compromissos que ele assumia perante a nação. Eu era moço, mas bem que imaginava, já que não se brigava mais, que a questão deixada como reliquat do conflito – a paz – era de mais difícil solução.⁷

Em meados da década de 1920, a pedido da esposa, DM retomou seus planos e ingressou no curso de Medicina, não deixando de escrever ficção: nesse espaço de tempo, de produção jornalística e acadêmica, escreveu seu primeiro romance, *O estadista*, 1926, que permaneceu inédito até 1995. O manuscrito foi resgatado por Maria Zenilda Grawunder e publicado na obra intitulada *Cheiro de coisa viva*, edição comemorativa do centenário de DM. A obra inclui uma seleção de depoimentos do escritor, além de fotos tiradas na ocasião do encarceramento do intelectual.

Em 1927, DM tem sua primeira edição no campo ficcional, o livro de contos um *Um pobre homem* (1927) – gênero que abandonaria posteriormente -, reunindo publicações em jornais entre outros escritos inéditos, financiado pelo próprio autor. Dos contos, “Ronda das gotas” consistia em um capítulo de seu romance *O estadista*, e “Ele era como um papagaio”, também publicado no *Correio do Povo*, viria figurar na antologia *Seleção de Contos Brasileiros*, organizada por Graciliano Ramos em 1978. O livro, com a capa de Francisco Bellanca, considerado o precursor do romance urbano por Erico Verissimo, recebeu críticas positivas de Amadeu Amaral e Augusto Meyer, os únicos que se pronunciaram no ano do lançamento do romance.

Para Amaral, a quem DM dedicara seu romance *Prodígios*, em 1980, “sua originalidade não é uma ‘resolução’, como em outros e tantíssimos casos, mas um processo todo interior e meio inconsciente que vai marchando por si.” (AMARAL, 1927). A obra pronunciava aspectos que viriam a ser aprofundados pelo escritor, desde as concepções da linguagem às questões temáticas, expressando as reações psicológicas da vida do homem urbano às contingências externas. Ao analisar um trecho de um conto, Meyer considera: “Tem um jeito especial de situar um tipo e descrevê-lo (...). Seus cotos vêm impregnados de mistério, de águas ocultas e tremor subconsciente.” (MEYER, 1927). O livro anunciava tanto as questões estéticas e temáticas que o escritor desenvolveria ao longo de sua carreira, assim como a dificuldade com o mercado editorial. Notemos as palavras do próprio DM em suas *Memórias de um pobre homem*:

⁷ MACHADO, Dyonelio. In: STEEN, Edla van (Org.). *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982, v.2, p. 123-139.

Meu livro não teve saída: embuchou, como se diz na gíria jornalística. A criação de um livro é coisa laboriosa. Não basta escrevê-lo: é preciso compô-lo (graficamente falando), imprimi-lo, vendê-lo. E para o vender é necessária uma boa distribuição. Já não falo na acolhida que a Crítica lhe fará: me acostumei cedo a não contar com coisa tão alta, que na verdade não mereço. Livre-atirador (ou simples escoteiro) não me sentia com os direitos de exigir um trabalho, por parte do estabelecimento tipográfico, que lhe daria mais incômodos do que lucros. Tudo reunido deu nisto: um belo dia recebi uma batelada dos volumes embuchados. Empilhei-os onde pude. E passei daí em diante a usá-los como cartões postais. Quando tinha de mandar alguma mensagem a algum amigo dado às coisas da Arte e da Literatura, escrevia-a nas páginas de guarda do volume – e postava tudo junto. – Não foi pois sem um certo espanto que vi agora, mais de quarenta anos depois, reclamar-se a reedição dos meus contos de estreia. (MACHADO, 1990, p. 54-55).

Da publicação do livro de contos, que passou quase despercebido pela crítica da época, até a escritura de *Os ratos*, no final de 1934, DM deixou de lado o ofício literário para retomar o curso de Medicina. Formou-se em 1929 na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, especializando-se, por dois anos, em Neurologia e Psiquiatria, no Rio de Janeiro, com o professor Antônio Austregésilo. No Rio de Janeiro, no ano de 1930, DM acompanhou o desenrolar dos acontecimentos políticos que culminaram no Golpe de Estado e a instalação do chamado Governo Provisório. No dia seguinte à chegada do Getúlio Vargas em São Paulo, 30 de outubro, nasceu Paulo, filho mais novo do escritor, em meio às agitações da contrarrevolução. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 54-55).

No dia 22 de abril de 1932, DM defendeu sua “tese inaugural”, relativa à Cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, intitulada *Uma definição biológica do crime*, aprovada com grau máximo. (TILL, 1995, p. 86). Obra de vanguarda na abordagem de conceitos freudianos – fator que bem rendeu diversas críticas ao escritor -, a tese foi editada em 1933 pela editora Globo, com capa de Francisco Bellanca, alcançando uma segunda edição ainda no mesmo ano. Em 1934, DM traduziu o livro de Eduardo Weiss, *Elementos de Psicanálise*, na época, leitura obrigatória, para a introdução à psicanálise o que o tornou um dos pioneiros nessa área de conhecimento em Porto Alegre. Ele, pessoalmente, nunca se tornou psicanalista, fazia psicoterapia de orientação dinâmica e, mesmo comunista, não adotou a teoria pavloviana que Stalin tornou obrigatória para a psiquiatria soviética em 1951. (PICCININI, 2008).

Já no quinto ano da faculdade, DM fora aprovado num concurso para trabalhar no Hospital Psiquiátrico São Pedro, sendo nomeado Médico Alienista, em 1932, quando também lecionava Neurologia e Psiquiatria na Santa Casa de Misericórdia. Chegou ao cargo de Diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro, onde contribuiu por décadas, paralelo ao atendimento em sua clínica psiquiátrica. Em 1943, recebeu a nomeação oficial de Diretor do

Consultório de Neurologia da Santa Casa, época em que já era um médico consagrado em sua cidade.

Um fato que não é deixado de lado em nenhuma biografia sobre o intelectual sulino é a sua prisão em 1935, permanecendo encarcerado por dois anos. No dia 5 de julho do ano de 1935 foi instalada oficialmente a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul, tendo como presidente do diretório estadual DM. Mesmo estando sob uma aura de ameaças da polícia, a frente de oposição ao governo Vargas – cujo presidente de honra era Luís Carlos Prestes e seguia os moldes das Frentes Populares que vinham se formando em alguns países da Europa – foi realizada a cerimônia no Teatro São Pedro. Por um ato de puro arbítrio ditatorial, a A.N.L. não tardou a ser fechada e teve seu registro cassado, o que levou seus integrantes a incumbirem DM de organizar uma greve de protesto por vinte e quatro horas em um dos núcleos – como eram chamados os organismos de base – o Núcleo dos Gráficos. No dia 18 de julho de 1935, quando voltava para casa, já de madrugada, dois guardas esperavam o revolucionário para leva-lo à prisão. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 57-58). Dyonelio relata:

A despeito da greve programada incluir no seu plano de reivindicações matéria específica da classe operária, ela era eminentemente política, numa grande proporção alheia às “condições do trabalho”. O que configurava infração à então flamante “Lei de Segurança Nacional” da época. Num dos seus artigos fui enquadrado. E, olhem, não é por querer me gavar, como diz o gaúcho, mas periga que eu tenha inaugurado aquele “estatuto”. Não averigüei, nem mesmo me interessa saber. Porque, estejam certos, não considero honra nenhuma, nem sequer honra sinistra, ter sido objeto desse sistema de opressão, que no Brasil se perpetua, sempre renovado e sempre mais opressivo, com o nome, eterno como o mal, de Lei de Segurança Nacional. (MACHADO, 1990, p.61).

Depois de mais de três meses de prisão em Porto Alegre, Dyonelio obteve *sursis* e foi para Taquari atender a uma sobrinha doente, quando estourou, em novembro, em quartéis do Nordeste e Rio, a chamada Intentona Comunista. Mesmo sem participar da rebelião, DM foi preso e, seis meses depois, enviado para o Rio de Janeiro, onde ficou no Pavilhão dos Primários da Casa de Detenção, por mais um ano e meio. Sua adesão ao Partido Comunista do Brasil se deu quando encarcerado, ao conhecer outros socialistas. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 60-61).

O ano da prisão de Dyonelio Machado, 1935, também foi o ano em que foi honrado com o primeiro lugar no Prêmio Machado de Assis de Literatura, promovido pela Academia Brasileira de Letras, em conjunto com Erico Verissimo, João Aphonso e Marques Rebelo. No momento da divulgação do prêmio, o literato encontrava-se recentemente preso por delito de opinião, o que motivou o jornal porto-alegrense *Correio do Povo* a nem mesmo identificar o escritor de *Os ratos* em matéria sobre tal concurso.

Os ratos foi escrito em vinte noites, especialmente para o concurso, estimulado pelo escritor Erico Veríssimo, a quem é dedicada a obra. Retrata o conflito psicológico de um funcionário público de escalão inferior, motivado por uma dívida com o leiteiro, tendo que recorrer a terceiros para conseguir a quantia necessária para prover as necessidades básicas de sua família. A obra inaugura tanto uma nova temática como uma nova linguagem, já considerada um clássico do realismo urbano, teve sua primeira edição pela Cia. Editora Nacional, já estabelecida para os vencedores do concurso. Para Grawunder, “Apesar da premiação, a crítica gaúcha não soube o que dizer desse corpo estranho às narrativas regionalista e calou-se.” (In: MACHADO, 1995, p. XVII).

Durante os dois anos de prisão, a família de DM, com dificuldades pelo preconceito com o patriarca comunista, foi para Quaraí, sustentada pelas aulas de piano de Adalgiza, a matriarca. Libertado, em junho de 1937, voltou ao Sul, mas com implantação do Estado Novo, o temor de uma nova prisão levou DM a refugiar-se em Lages, Santa Catarina, sob o nome de Paulo Martins. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 61-62). Em 1938 recebeu a anistia e voltou a clinicar, integrado ao cargo no Hospital São Pedro, ao qual foi restituído com uma homenagem dos colegas no Hotel Carrara (TILL, 1995, p. 142), retomando, aos poucos, suas atividades literárias, escrevendo críticas para o jornal *Correio do Povo* em 1939.

A “sombra do cárcere”, como o próprio DM refere-se, iria persegui-lo, determinando o rumo de sua vida, assim como o de sua obra. Com o clima bélico imposto pela II Guerra Mundial e sob a tensão de viver sob um regime ditatorial, a saúde do intelectual teve problemas, uma cardiopatia, levando-o a usar da escrita como um mecanismo de sublimação, transformando os traumas vividos na prisão na obra *O louco do Cati*. Na *Revista do Globo* n. 305, de outubro de 1941, uma reportagem de Justino Martins ilustra o singular processo de criação do romance: DM, acamado por causa da saúde, dita para a esposa e a filha o livro, pois não tinha forças para escrevê-lo, sendo posteriormente datilografado por Cyro Martins e Lila Ripoll, seus amigos.

O louco do Cati, editado em 1942 pela editora Globo, é provavelmente o romance mais intrigante do escritor, iniciando a tetralogia a que Grawunder chamou “Opressão e liberdade”, que tem como continuação *Desolação*, 1944, *Passos perdidos*, 1946, e *Nuanças*, 1981. O conjunto tem como tempo ficcional dezembro de 1935 e início de 1940, na onda de repressão que seguiu à “intentona” comunista, período mais corrosivo da ditadura Vargas. A narrativa tematiza a perseguição de Maneco Manivela, envolvido com movimentos de esquerda, até a sua libertação, expressa a exacerbação do arbítrio das instituições

plenipotenciárias e as consequências que levam à degradação e a consequente animalização do homem, representado na figura do louco. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 98).

Os críticos literários do Rio Grande do Sul não se manifestaram acerca de *O louco do Cati*, com exceção de Moysés Vellinho, na revista *Letras da Província* de 1944, seu primeiro pronunciamento sobre DM, na ocasião da segunda edição de *Os ratos*. Vellinho teve uma impressão negativa dos trabalhos, sobretudo de *O louco do Cati*: “O fim de um romance cuja razão de ser é impossível descobrir, pelo simples motivo de que não tem forma, não tem conteúdo, não tem qualquer propósito acessível à percepção comum.” (VELLINHO, 1944, p. 90). Talvez o livro não fosse, efetivamente, para a “percepção comum”, mas agradou a Guimarães Rosa, que o considerou um dos dez livros mais importantes do Brasil, digno de Prêmio Nobel, e a Mário de Andrade, que em carta datada de 18 de outubro de 1944, agradeceu o envio da segunda edição de *Os ratos* e comentou: “Preciso aliás reler *O louco do Cati*... Que impressão estragadamente profunda esse livro me causou. *Os ratos* serão mais perfeitos como unidade, equilíbrio, concepção, nenhum desperdício. Mas *O louco do Cati* morde e marca, preciso reler.” A obra foi ter uma segunda edição apenas em 1979, pela Vertente, de São Paulo, quase quarenta anos depois de sua primeira edição, sugerindo a dificuldade do escritor com o meio editorial, sobretudo em seu Estado, que não mais lançaria nenhuma obra sua de ficção.

Foi no ano de 1942 que DM teve um novo episódio com a polícia: Justino Martins publicou na *Revista do Globo*, n.328, o conto “Noite no acampamento”, do livro *Um pobre homem*, onde é criticada a atitude do exército brasileiro na Guerra do Paraguai. A publicação suscitou a ira dos militares – pois era época de guerra – rendendo nova detenção ao escritor que, dessa vez, conseguiu escapar da prisão: justificou que não fora o mentor de tal publicação, mas acabou por autorizá-la, uma vez que tomou ciência do fato quando já preparada a edição e pronta para a impressão. A instituição militar sentiu-se ferida, o que levou o Ten. Cel. Correia Lima a escrever um violento artigo sobre os agitadores internacionais mascarados na cultura literária, sobre a traição, sentimentos antipatrióticos, oportunismos, num texto de sete laudas no jornal *Diário de Notícias*. O medo de uma nova detenção aumentou no escritor, que não deixou reeditar seu único livro de contos, apesar da insistência das editoras, especialmente na década de 1970. A segunda edição ocorreu em 1995, dez anos depois de sua morte, mas sem figurar o conto “Noite no acampamento”, vetado pela família.

No ano de 1944, DM conseguiu publicar pela editora Globo o estudo *Eletroencefalografia*, mas teve de procurar editora no centro do País para sua ficção. O romance *Desolação*, que segue *O louco do Cati* na tetralogia, foi publicado pela José Olympio, do Rio de Janeiro, no mesmo ano, e apesar de ter sido agraciado em 1945 com o Prêmio Felipe D'Oliveira, juntamente com Graciliano Ramos, não teve uma recepção da crítica, que se pronunciou sobre a obra apenas na década de 1970.

Em 1945 foi realizado o I Congresso Nacional de Escritores, pela Associação Brasileira de Escritores, tendo como preocupação central a oposição aos ditames do Estado Novo. A delegação do Rio Grande do Sul foi uma das mais numerosas, figurando intelectuais como Josué Guimarães, Justino Martins, Reynaldo Moura, Homero Jobim e Pedro Wayne. O Congresso teve encerramento no dia 27 de janeiro, com a comunicação da Declaração de Princípios, redigida por uma comissão, mas lida por DM, no Teatro Municipal de São Paulo, perante duas mil pessoas de pé. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 68). Seu conteúdo exigia, acima de tudo, a legalidade democrática, como segue no excerto do discurso pronunciado pelo escritor de *Os ratos*:

A liberdade como conceito só, não basta. Cumpre exercê-la numa conjugação de esforços e com acerto. Só essa unidade nos poderá proporcionar a força indispensável que nos traga um ambiente libertado dos temores, facilitando a eclosão e o livre exercício da inspiração. O escritor, nos seus livros, nas suas revistas, nos seus jornais, uma das formas mais específicas de ação, e é claro que esta se restringirá muito no seu alcance civilizador, se não constituir o fruto duma concepção psíquica livremente elaborada. (...)

Não se detém entretanto aí a missão histórica, social, humana, do escritor e do artista em geral. Nós temos um inimigo, maior de todos os que conspiram contra a expressão do pensamento: o fascismo. Outra ociosidade desta oração segundo provaram as resoluções unânimes do Congresso, – como se não bastasse a dolorosa experiência pessoal de cada um. Mas é necessário mobilizar a inteligência, quando o povo em todo o mundo se volta para ela, em busca de Salvação.⁸

Num evento desse porte, contando com intelectuais como Jorge Amado e Oswald de Andrade, coube a DM – em mesa composta também por Anibal Machado e Sérgio Milliet – ler a Declaração de Princípios, opção justa visto o conteúdo da declaração e o modo com que dialoga com a obra dyoneliana. É também no ano de 1945 que DM publicou o artigo “Os fundamentos econômicos do Regionalismo” no primeiro número lançado pela revista *Província de São Pedro*, quando já era um influente ativista do Partido Comunista do Brasil.

Décio Freitas, em um artigo sobre a atuação política do escritor, comentou um episódio que ocorreu nesse mesmo ano, na ocasião da vinda de Luís Carlos Prestes ao Rio Grande do Sul. DM participou de um grande comício no Parque Farroupilha, chamado “Rio

⁸ Apud: TILL, Rodrigues: *Dyonelio Machado: o homem – a obra*. Porto Alegre: E.R.T., 1995.

Grande do Sul a Luís Carlos Prestes”, seguindo para várias cidades do interior. Uma delas foi Cachoeira do Sul, uma cidade notoriamente conservadora, em que havia um foco de integralistas e nazistas, como aponta Freitas:

Na ocasião, Prestes falou para um grupo numeroso de pessoas da sacada de um sobrado, onde ficava a sede de um sindicato. Quando estava no meio do discurso, começaram a atirar na sua direção. Ele continuou falando e então gritou: “fascistas, fascistas, não me calarão”. Ao lado do líder comunista, no palanque, estávamos eu, Dyonelio e Trifino Correa, que zelava pela segurança de Prestes. Daí a alguns segundos, Trifino derrubou Prestes e também começou a atirar contra os integralistas; depois colocou Prestes num carro e saímos no meio de uma *chuva* de tiros. (FREITAS, 1995, p. 58).

Passos Perdidos, terceiro romance da tetralogia, foi publicado em 1946, pela Livraria Martins Editora, de São Paulo. A obra foi ignorada pela crítica, principalmente a gaúcha, tendo sua segunda edição apenas em 1982, pela Moderna, quase quarenta anos depois de sua publicação. No ano de 1946, DM concorreu ao cargo de Deputado Federal pelo Partido Comunista do Brasil, ficando como quarto suplente de seu Partido, na ocasião da eleição do Gen. Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República.

Nas eleições estaduais de 1947, DM foi eleito Deputado Estadual Constituinte pelo Partido Comunista do Brasil, aos 52 anos. Participou da Constituinte, mas encontrava-se em Buenos Aires, doente, quando a nova constituição Estadual foi promulgada; a carta foi assinada pelo suplente João Telles e Dyonelio negou-se a fornecer uma foto sua para a fotografia oficial dos constituintes sobre um mapa do Rio Grande do Sul, gerando um incidente com a direção do partido, da qual já vinha divergindo. Foi como Deputado que DM fundou, em conjunto com Décio Freitas, um diário de esquerda, a *Tribuna Gaúcha*, em que era diretor. No mesmo ano de sua eleição, o registro do Partido Comunista do Brasil foi cassado, ocasião em que soaram as palavras de Dyonelio: “O Partido Comunista teve seu registro eleitoral cassado no momento em que dava a maior prova de democracia interna que já deu um partido nacional, no Brasil.” (Apud: TILL, 1995, p. 166).

Amargurado com a falta de receptividade de seus romances e a brusca interrupção de sua vida política, o intelectual, mesmo com originais engavetados, deixou de procurar editoras e de publicar. Depois de *Passos perdidos*, de 1946, até a reedição de *Os ratos* e a edição de *Deuses econômicos*, em 1966, ocorreu uma série de mudanças no panorama político e cultural: a volta de Getúlio Vargas por escolha popular e, posteriormente, seu suicídio, em 1954; o governo de Juscelino Kubitschek (1955-60); a eleição de Jânio Quadros, em 1960 e sua renúncia um ano depois; João Goulart, a derrubada do regime e instauração da ditadura militar, em 1964. Essas transformações refletiram seriamente no panorama cultural,

provocando contradições que se manifestaram em diferentes formas, levando a literatura e as discussões teóricas a se desviarem para novas tendências mais descomprometidas socialmente. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 70).

Maduro em seu pensamento e cansado de lutar, com desilusões e amarguras acumuladas, DM resolveu silenciar-se, num período de vinte anos sem publicar ou veicular na mídia. Nesse espaço de tempo, continuou escrevendo, estudando, dedicava-se à Medicina – tanto na clínica como no Hospital São Pedro -, à família, aos amigos, e a seus *hobbies* prediletos: estudante de flauta, tocava em reuniões familiares para a esposa e os filhos – todos músicos -, lia os clássicos de sua grande biblioteca no original, contos policiais, ainda estudava e traduzia História, Direito, Literatura Latina e Literatura Grega. Outra atividade de interesse era a fotografia, especialmente ilustrando ruas e prédios antigos de Porto Alegre. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 69).

Em 1966, DM voltou a publicar seus originais engavetados: *Deuses econômicos*, início de uma trilogia que se passa no século I d.C, apesar de uma edição com diversos erros pela Gráfica e Editora Leitura, do Rio de Janeiro, deu certa abertura para o escritor, uma vez que nessa época, com o golpe militar de 1964, abriu-se espaço para uma literatura a prol da liberdade, sendo o mesmo, há tempos, expressão significativa da “literatura engajada”. A obra é o início de uma trilogia seguida por *Sol subterrâneo* (1981) e *Prodígios* (1980), intitulada por Alfredo Bosi “trilogia da libertação”. Nessa época, houve um crescente interesse da mídia e do público leitor sobre DM, que começou a aceitar os jornalistas e estudantes interessados no autor do então já clássico *Os ratos*, que passara vinte anos em silêncio.

Na década de 1970, teve sua literatura mais reconhecida, havendo um movimento de valorização desse escritor com a produção desmerecida pela instituição literária. Em 1976, a Garatuja edita a segunda edição, revisada, de *Deuses econômicos*, época em que foram publicados inúmeros artigos sobre DM, em Porto Alegre e em São Paulo, com títulos como o de Marco Túlio de Rose, no jornal *Lampião*, de 24 de março de 1976, na ocasião do lançamento mencionado: “Maldito escritor gaúcho volta de novo a atacar”. Mesmo nesse movimento de valorização da literatura dyoneliana a crítica se limitava a *Os ratos*, apenas mais tarde surgindo críticas voltadas a outros romances.

Em 1978, foi apresentado no VII Festival do Cinema de Gramado um documentário sobre a vida de DM, realizado por Ivan Cardoso e Decio Pignatari, seguido de diversas tentativas de filmagem de seus romances, proteladas pelo escritor. DM foi procurado para numerosas entrevistas, que ajudaram a resgatar sua obra em meio ao ostracismo das

instituições literárias da época. Sua consagração concretizou-se em 1979, quando foi agraciado com o Grande Prêmio da Crítica, da Associação dos Críticos de Arte, de São Paulo, e toma posse na Academia Rio-Grandense de Letras, cadeira 38, cujo patrono é o poeta Eduardo Guimaraens. Como orador oficial da cerimônia, disse Paulo Gouvêa: “A Academia da qual passas a ser parte, tem desta hora em diante uma nova dimensão, pois abriga um dos grandes escritores do Brasil, que, em circunstâncias outras, seria um grande nome da literatura universal.” (Apud: GRAWUNDER, 1997 A, p. 72).

Em 1980, ano em que completava 85 anos, DM teve a edição de dois romances que permaneciam engavetados: *Prodígios*, terceiro volume da trilogia iniciada por *Deuses econômicos*, foi lançado pela Editora Moderna, de São Paulo – antes de *Sol subterrâneo*, por motivos editoriais, devido à extensão do segundo volume -, ainda sem uma segunda edição; e *Endiabrados*, editado pela Ática, de São Paulo, que teve seus originais levados por Flávio Moreira da Costa para publicação, após ser submetido a concurso no Instituto Nacional do Livro. O romance, escrito acerca de vinte anos antes de sua publicação, inicia a trilogia *Os flagelantes*, tendo como segmento *Proscritos*, obra a ter seu texto fixado na presente dissertação, e *Terceira vigília*, também sem edição. *Endiabrados* foi considerado o melhor romance do ano, recebendo o Prêmio Jabuti no ano seguinte à sua publicação, mas não logrou uma reedição.

Em 1981, a Editora Moderna, de São Paulo, publicou dois romances de DM: *Nuanças*, último volume da tetralogia iniciada por *O louco do Cati*, e *Sol subterrâneo*, segundo volume da trilogia iniciada por *Deuses econômicos*. Os dois volumes ainda não tiveram uma segunda edição. No mesmo ano saiu a terceira edição de *O louco do Cati*, ainda a segunda edição de *Desolação*, que recebeu maior respaldo da crítica, sobretudo a jornalística, época em que aumentava o prestígio de DM no meio cultural, na tentativa de rever essa figura já clássica das letras brasileiras. Segundo Grawunder (1997, p. 73), houve interesse de cineastas como Ivan Cardoso, Astolfo Araújo e Suzana Amaral, na filmagem de *Os ratos*, trabalho que ainda não se concretizou, apesar de atualmente os direitos já estarem em posse de uma produtora de Porto Alegre.

No ano de 1982, recebeu o Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, pelo romance *Nuanças*. No mesmo ano foram publicados dois romances que, segundo Grawunder (1997, p. 73), aproximavam o escritor da instituição literária do momento, uma vez que tratavam da magia e do fantástico do imaginário popular, mas sem perder o tom de denúncia: *Fada*, pela Editora Moderna, de São Paulo, e *Ele vem do fundo*,

pela Ática, também de São Paulo⁹. Tais romances mesclam a ficção com a biografia de DM, usando as personagens para fazer alusões a pessoas reais, além de ilustrar suas concepções sobre a sociedade e a arte, como o seguinte excerto de *Fada*:

A Arte não tem contendor à sua altura. É essa circunstância, como reflete D'Artagnan, o que garante a sua sobrevivência. Em vão surgem de tempos em tempos iconoclastas que pretendem destruí-la, oferecendo como substituto um mero Artesanato, ao alcance de qualquer mão. Ilusão! A Arte move com o Pathós (aquilo que se sente), como uma sonda mergulhada na terra, remexendo um minério precioso, até então oculto. (1982, p. 75).

No ano de 1983, realizou-se o que Grawunder aponta como o grande sonho de DM: sai em Paris a edição francesa de *Os ratos*, com o título *L'argent du laitier*, numa edição Maurice Nadeau – Papyrus. Em 1984, DM recebeu a Placa de Prata, homenagem oficial como constituinte de 1947, pela Assembleia Legislativa do Estado, e, no ano seguinte, foi homenageado pela Secretaria de Saúde e Meio Ambiente do Estado, através da Direção do Hospital São Pedro, com o diploma de Honra ao Mérito, pelos serviços prestados na área de saúde mental. Dyonelio Machado faleceu em 1985, aos 89 anos, sem tomar conhecimento de que seria honrado com a comenda *Ordre des Arts et des Lettres*, do Governo da França, ainda no ano de sua morte. (In: MACHADO, 1990, p. X).

A partir dos dados expostos, é possível reconhecer a importância de DM no panorama da literatura brasileira do século XX, assim como no âmbito cultural em geral. Sua vida e obra têm uma relação explícita, importante para a compreensão das concepções estético-ideológicas presentes em sua literatura. A autonomia de seu discurso, de densidade crítica e poética, entrou em conflito com o panorama sociocultural da época, que buscou silenciá-lo. Um corpo estranho, incômodo aos padrões literários em voga, DM teve dificuldades para a aceitação de sua arte, deixando obras inéditas, ignoradas pelo sistema editorial.

1.2 Acervo Dyonelio Machado

O Acervo Dyonelio Machado encontra-se aos cuidados do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, situado no sétimo andar da Biblioteca Irmão José Otão, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.¹⁰ A coleta do material do espólio do escritor começou em 1986, numa iniciativa do projeto Fontes da Literatura Brasileira, do Centro de Pesquisas Literárias do então Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, por

⁹ As duas obras ainda não tiveram uma segunda edição.

¹⁰ Para informações sobre o DELFOS e os acervos que engloba, acessar o site: www.pucrs.br/delfos.

Maria Zenilda Grawunder com a colaboração de Osana Borges Pereira, diretamente com a esposa do intelectual, Adalgiza, no ano seguinte de seu falecimento. (In: MACHADO, 1995).

A partir dos trabalhos no espólio de DM foram publicadas duas obras inéditas, ambas por mérito de Grawunder: *Memórias de um pobre homem*, livro de memórias do escritor, em 1990, pelo Instituto Estadual do Livro, e *O estadista*, seu primeiro romance, escrito em 1926, publicado em *O cheiro de coisa viva*, em 1995, pela Graphia Editorial. Além dos inéditos de DM, deve ser mencionado o pioneiro trabalho sobre o Acervo, *Instituição Literária: Análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*, de Maria Zenilda Grawunder, de 1997, fundamental para a introdução aos estudos dyonelianos.

O Acervo Dyonelio Machado consta com cerca de 3000 itens organizados em distintas classes, dentre dezenas de originais das obras, centenas de publicações na imprensa – do autor e sobre o mesmo -, centenas de correspondências, notas e esboços diversos, cadernetas, diário, primeiras edições, fortuna crítica e objetos pessoais. Tais documentos materializam o registro de uma época, uma vez que o escritor era engajado nas Letras assim como na Política, com influente atuação no campo do Jornalismo, e tendo como profissão a Medicina, possibilitando uma ampla gama de estudos ainda inéditos sobre materiais preciosos para a compreensão da cultura brasileira no século XX.

No Acervo é possível encontrar os “rastros” de DM em seu processo de criação, presentes nos originais e suas correções, esboços de obras, cadernetas, notas, mapas, enfim, materiais importantes para a compreensão de sua criação literária. Nesse sentido ressaltam-se os documentos envolvendo a trilogia romana, iniciada por *Deuses econômicos* – englobando densa bibliografia sobre a época e estudos do léxico grego e latino, visto que a história figura no século I d.C., -, e *Endiabrados*, baseado em reportagens de jornal, também rico em reescrituras. Além dos inéditos publicados após a morte do escritor e das duas obras que completam a trilogia *Os flagelantes*, *Proscritos* e *Terceira vigília*, o espólio reserva ainda dois romances inacabados e numerosos apontamentos sobre literatura, sua relação com a sociedade e o processo de criação.

2 PROSCRITOS E A DIFICULDADE EDITORIAL

2.1 Dyonelio Machado e a dificuldade editorial

A obra literária de Dyonelio Machado teve dificuldades para sua aceitação pelos leitores e críticos, levando o autor a certo ostracismo e impossibilitando a publicação de seus trabalhos. Tal dificuldade se deve, sobretudo, pela sua atuação política, mas também pela proposta estética que desenvolveu ao longo de toda a sua vida: “O romance só tem uma função: refletir, produzir uma imagem. É um espelho. Um espelho que se passeia ao longo duma grande estrada.”¹¹ O conceito pertence a Stendhal, mas DM mais de uma vez apontou tal ideia em entrevistas que concedeu à mídia, sendo as dificuldades que sua literatura encontrou para circulação um reflexo do esforço das instituições dominantes em abafar sua visão lúcida e crítica do sistema e do homem em meio às transformações socioculturais do século XX.

O enfoque crítico da realidade social e psicológica do homem urbano conferiu à obra de DM um caráter de vanguarda, independente das concepções estéticas em voga. Sua autonomia se deve, também, pelo fato de o ofício de escritor nunca ter sido o seu ganha-pão, o que permitiu um compromisso com a própria arte, independente da recepção da mesma e das contingências do sistema editorial. A intransigência de DM em relação às suas ideologias foi um dos principais motivos que o levaram a deixar engavetada uma grande quantidade de obras, inclusive depois de sua morte.

Em depoimento para a revista *Movimento*, em 1975, DM disserta sobre a necessidade de envolvimento do escritor com o seu tempo, ponto inicial para sua explicação sobre o motivo de tantos romances inéditos e a falta de recepção positiva da maior parte de sua obra:

Às vezes me perguntam como eu encaro o envolvimento do escritor com as coisas de seu tempo. Eu respondo: Acho que um escritor deve envolver-se intensamente. E noto grandes deficiências nos que não o fazem. O escritor tem de estar ligado ao seu mundo físico, intelectual, ao mesmo tempo. Sem o que sua obra nada vale. Escrever é quase um ato de amar, não amar por amar, mas amar para ter a posse do mundo.

Há muitos escritores da grande literatura que às vezes esquecem seus compromissos e se adaptam, não ao seu tempo, mas às contingências que determinado tempo lhes impõe. Isso também é mau. O Jorge Amado, por exemplo, arrumou essa capacidade de adaptação. O tempo corria, certas coisas mudaram e ele também. A melhor prova é que num tempo ele foi candidato pelo Partido Comunista e mais tarde foi eleito para Academia Brasileira de Letras, que não é nenhum sodalício democrático. Eu não o condeno por isso, mas ao mesmo tempo não vejo razões para elogiar-lo. A falta de

¹¹ GASTAL, Ney. Dyonelio Machado: A literatura está em conflito com a época. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 7, 7 jul. 1973.

firmeza não leva a nenhuma transformação. Eu tenho carta de um editor que diz não publicar meu livro por que não era um escritor popular, não estava adaptado ao gosto do meu tempo. Tenho vários inéditos. Essas dificuldades garanto que o Jorge Amado não encontrou. Por isso eu fui marginalizado, não tenho editor. Só dois livros fizeram alguma coisa parecida com sucesso: *Os Ratos* e a *Definição Biológica do Crime*.¹²

Na época do depoimento para a revista *Movimento*, eram apenas dois os que sobreviviam unicamente com a profissão de escritor: os amigos Jorge Amado e Erico Verissimo. (TILL, 1995, p. 134). Apesar de Jorge Amado e DM terem sido correligionários do Partido Comunista e comporem juntos a mesa da Comissão de Assuntos Políticos do Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em 1945, a relação de ambos não era amistosa. Já em 1936, Jorge Amado foi agressivo com *Os ratos*, em crítica intitulada “Romancistas do Sul”, em que aborda os dois gaúchos que figuravam entre os vencedores do Prêmio Machado de Assis, de 1935. Enquanto elogia o escritor de *Música ao longe*, aponta: “Que Dyonelio Machado é um romancista não pode restar dúvida, porque o leitor não pode abandonar esse livro, apesar de ser extremamente mal escrito. Faltam ao autor de *Os ratos* as qualidades de estilo.” Observa, ainda, que o escritor é “seco” e “difícil”. (Apud: TILL, 1995, p. 136).

O compromisso com o seu tempo é um dos elementos centrais da literatura de DM, que se manteve intransigente com sua proposta, apesar de ter sido “marginalizado” pelo sistema editorial, de onde afirma: “não tenho editor”. Com uma obra peculiar, original, não se preocupou com a falta de popularidade de sua escrita não adaptada ao gosto de seu tempo. “A falta de firmeza não leva a nenhuma transformação” e, concentrado em seu propósito, manteve-se convicto em suas atitudes, nos diversos meios em que atuou, não cedendo mesmo em meio a regimes totalitários. Não se envolveu nos modismos estéticos do Modernismo e dos movimentos subsequentes, desenvolvendo, tanto no âmbito ensaístico como na ficção, uma unidade entre linguagem, conteúdo e realidade circundante, refletindo a integridade de seu caráter. Essa postura, aliada à crise editorial do sistema, contribuiu para deixar um escritor já de qualidade reconhecida – como provam os prêmios conquistados nas décadas de 1930 e 1940 – às margens da instituição literária da época.

Em 1980, quando questionado acerca do que mais faltava no mundo intelectual, DM respondeu: “Papel barato.” Às risadas do entrevistador, continua:

Não ria. O alto preço do papel criou as mais variadas formas de tirania. Tirania do grande público leitor, pois que é preciso lisonjear os seus gostos para conseguir edições populares ou comerciais; tirania oficial, visto que as instituições governamentais que promovem a difusão do livro, não auxiliam autores que não rezem pela cartilha estreita dos que, na ocasião, detém o poder. Não é difícil profetizar

¹² CARVALHO, Murilo et alii. *O escritor e seu tempo*. Movimento, Porto Alegre, p. 17, 24 nov. 1975.

qual o destino da literatura brasileira, se esse estado de coisas perdurar por muito tempo ainda.¹³

O excerto citado foi retirado de uma reportagem de Monserrat Filho, publicada no jornal *Zero Hora*, em 1980, com o seguinte título: “DM categórico: ‘a literatura brasileira acha-se em decadência’.” Os depoimentos são importantes para a compreensão das dificuldades do escritor para publicar suas obras, elucidando os pormenores subjacentes do processo editorial e a arbitrariedade do mesmo. Sem o auxílio do Estado, que promove apenas os escritores de acordo com a “cartilha estreita dos que, na ocasião, detém o poder”, e contando com o alto preço do papel, o círculo editorial restringia-se a pequenos livros, com menor custo de produção, evitando arriscar em escritores como DM, fora dos padrões comerciais em voga.

Dentre as reportagens feitas com o escritor sulino, há uma significativa quantidade de testemunhos envolvendo a ideia da literatura em crise, o que reflete o seu distanciamento dos movimentos em voga no século XX e a antipatia com que seria recebida a sua obra. De personalidade forte e radical, DM foi referido por Erico Veríssimo como um “lobo solitário de nossa literatura. (...) esse homem que pode ser alternadamente anjo e ogro” em *Solo de Clarineta* (1º v., 1973, p. 260).

A literatura está sempre inscrita dentro de um tempo e de um espaço, de onde surge a necessidade da relação do escritor e de sua produção com o seu contexto. A crise literária não está fora desse sistema e assim o demonstra DM no seguinte depoimento:

Nosso ambiente não propicia o progresso da literatura. A literatura vive da vida e a vida supõe vida gregária. Hoje, no Brasil, os aspectos mais marcantes são o futebol e o carnaval. Nós não temos uma vida muito animada fora disso. Há poucos pontos de atração. As pessoas vibram por pouca coisa, pelo vazio. E como a literatura é o espelho da realidade, é que se vê tanta apatia entre os escritores, de uns tempos para cá. Eu penso que essa apatia, essa falta de combatividade está comprometendo a cultura do país. Está propiciando uma literatura de 'chinesice'. Fazem coisas, quando muito, que traduzem novidades e não criação. Uma vitrine de novidades.¹⁴

Para DM, é imprescindível o envolvimento do escritor com o seu tempo e espaço, motivo pelo qual a metáfora da literatura como um espelho é recorrente em seus depoimentos, elucidando os pressupostos de sua criação. A crise da qualidade literária da época está associada aos interesses vazios da sociedade, assim como à mercantilização da arte, uma vez que as editoras são responsáveis pela mediação da literatura com o público, sendo a

¹³ MONSERRAT Fº, J. DM categórico: “a literatura brasileira acha-se em decadência”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 set. 1980.

¹⁴ In: CARVALHO, Murilo et alii. *O escritor e seu tempo*. Movimento, Porto Alegre, p. 17, 24 nov. 1975.

combatividade dos escritores sufocada nesse sistema. O grande público leitor, alvo da cultura de massas, preferia a leitura dos *best-sellers* aos trabalhos do escritor sulino, que esboçam a tensão inerente à obra de arte na relação sujeito e sociedade, instigando o leitor não apenas em sua sensibilidade, mas também em sua capacidade crítica.

O distanciamento da literatura produzida por DM com a literatura vigente, inaugurada a partir do Modernismo, dificultou a publicação de suas obras e o modo como foram recebidas. Para o intelectual, essa “vitrine de novidades” reflete o empobrecimento do engenho criador, resultando em uma série de modismos literários, efêmeros e superficiais, mas que atendem as exigências constantes do mercado editorial. O engenho criador está associado a certa combatividade do artista em relação ao meio em que está inserido, noção próxima ao conceito de literatura engajada, a literatura como um instrumento de ação social.

Na literatura dyoneliana, é notória a aproximação entre vida e obra. É válido ressaltar que a criação literária, para DM, está sempre associada às vivências do autor; é tida como a sublimação de um contingente psíquico reprimido nos limites entre consciente e inconsciente. Esse processo é possível uma vez que o material reprimido contorna os mecanismos do recalque, conseguindo sua expressão numa outra linguagem, a da ficção, mas deixando aberturas através do repertório simbólico, passível de uma interpretação psicanalítica.¹⁵ O empobrecimento da vida cultural no País compromete, dessa forma, a literatura tanto em sua criação, uma vez que há falta de combatividade e engajamento por parte do artista, assim como em sua recepção, visto o interesse dos leitores, como ilustra o seguinte apontamento:

Quero fazer uma observação, muito sujeita a caução. Porque seria preciso invadir uma área muito grande, que não está ao meu alcance. Mas penso que a cultura literária e artística do momento está passando por uma fase... quase vaticinando uma decadência. Ela não prova a existência do gênio criador, da inspiração, do engenho. Não, ela supre esta falta com pequenas novidades de superfície, por exemplo abolir certas letras, sinais de pontuação, abolir ritmo e rima na poesia. Na música, inclusive, o melhor cantor é o que não tem voz, que tem uma voz surda, este é o melhor cantor. Um certo ingenuismo também, que ninguém acredita, porque são indivíduos adultos e estão fantasiados de criança. Tudo isso está provando o quê? Uma falta do engenho criador.¹⁶

O presente excerto foi retirado de entrevista cedida a Ivan Cardoso e Décio Pignatari, em 1978 (publicada apenas em 1991), refletindo um pensamento já maduro, de quem acompanhou as transformações sociais e artísticas de forma ativa desde a década de 1910.

¹⁵ RAABE, Camilo Mattar. *Criação literária por Dyonelio Machado: A gênese de Os ratos*. 2011. Porto Alegre: PUCRS, 2011. Monografia. (Faculdade de Letras). Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/10087/7117>.

¹⁶ CARDOSO, Ivan; PIGNATARI, Décio. O centauro dos pampas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Letras, p. 6.1.-6.2, 21 dez. 1991.

DM foi um crítico social lúcido, um testemunho fundamentado pelo amplo âmbito em que atuou no desenvolvimento cultural de seu País. O engenho criador, a ideia do gênio, está intimamente associada ao ente em sua relação com o ambiente no qual inserido, sendo a arte o espelho que reflete na íntegra essa realidade. Com o enfraquecimento de tal relação ocorre uma grande quantidade de modismos, como se para substituir essa falta de profundidade – ideia própria da lógica mercantilista, a superficialidade que recorre às novidades para alimentar o consumo constante.

A crise cultural engloba o setor de produção literária, relacionado diretamente com as exigências do público consumidor. O círculo editorial, ponte entre os dois setores, acaba influenciando de forma determinante as obras a serem veiculadas, assim como toda a questão comercial envolvida no sistema literário. Em 1973, quando questionado se ainda escrevia – pergunta frequente nessa época, com respostas que surpreendiam os entrevistadores -, DM apontou:

Claro que ainda escrevo. Dum outro grupo, tenho dois volumes escritos, um dos quais revisado, pronto para ir à impressão. E é aí onde começa algo que geralmente não é fácil para ninguém e que para mim é quase proibitivo: o editor. Tudo num livro é dificultoso: fazê-lo, imprimi-lo, pô-lo em circulação. Via de regra, quem faz o livro não reúne nenhuma das outras duas condições que conferem à obra uma existência real. Quero dizer: o trabalho gráfico e a sua distribuição comercial. Trazendo inatas, por sua natureza, qualidades demiúrgicas, a feitura material do livro e o seu lançamento no mercado decidem soberanamente do êxito literário do trabalho. Porque mete-se de permeio a publicidade, decretando o acolhimento que o livro deve ter, independente às vezes do seu valor intrínseco.¹⁷

À obra de arte é atribuído, cada vez mais, o estatuto de mercadoria, o que leva o círculo editorial a voltar sua atenção mais para os virtuais lucros que pode ter do que com sua qualidade estética. DM critica o poder imperativo da publicidade sobre qual o acolhimento que o livro deve ter, imparcialidade que ajudou a relegar diversos de seus trabalhos ao esquecimento. A crítica literária influencia a receptividade de uma obra, sendo que DM sofreu com a crítica negativa, assim como com a falta de crítica, que até mesmo nos dias de hoje, se limita aos seus escritos mais conhecidos.

O papel da crítica literária foi determinante para as dificuldades editoriais de DM. Sobre tal questão, o mesmo disserta a respeito, apontando as falhas dos teóricos de sua época e a relação entre o baixo nível da produção literária com o da crítica. No seguinte depoimento, retirado de um manuscrito tratando o tema regionalismo, sem data – porém escrito depois da

¹⁷ GASTAL, Ney. Dyonelio Machado: A literatura está em conflito com a época. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 7, 7 jul. 1973.

reforma ortográfica de dezembro de 1971 -, tem uma apreciação sobre a falta de capacidade da crítica em sua abordagem metodológica e sua associação com a produção literária:

O plano inclinado por onde começou a resvalar a literatura brasileira nesses últimos anos devia ter a sua contrapartida na crítica, que é o satélite fiel que acompanha a trajetória da criação artística. Os nossos melhores críticos de hoje, ou são impressionistas ou simples ensaístas. (...) O elemento, porém que une a criação artística ao ambiente que a gera, está ausente, o mais das vezes, desses trabalhos de crítica. (...) Faltam à nossa crítica as “ideias gerais”, o pensamento filosófico, em suma, que investiga as causas, liga os fatos entre si, descobre-lhes as leis de correlação, tornando-a, tanto quanto possível, uma ciência objetiva.¹⁸

DM aponta a falta de objetividade da crítica literária de sua época, sobretudo a de caráter impressionista. Ressalta, novamente, a necessidade do envolvimento da arte com o ambiente que a gera, sendo essa relação essencial para a produção assim como para a recepção. Sobre essas duas instâncias, basta notar a qualidade das apreciações dos críticos para deduzir a qualidade artística, apontamento que se mantém em vigor para a atualidade, quando as resenhas estão cada vez menos fundamentadas, muitas vezes encomendadas, funcionando como instrumentos determinantes para a venda dos livros de grande tiragem.

Além da apreciação negativa da obra de DM, influenciando as questões mercadológicas necessárias no meio editorial, há outro fator que estimulou a pouca circulação de sua literatura: a falta de crítica. Em carta do escritor para Marlene Pessoa Brum, datada de 16 de novembro de 1977, Dyonelio afirma que a crítica de caráter impressionista carece de validade, seguindo uma explicação sobre a importância da crítica para o consumo de literatura e sua responsabilidade no que tange ao nível cultural do povo:

O escritor sofre com a falta de crítica aos seus trabalhos. Isso acarreta um mal bem maior do que se pensa. Ele é em grande parte responsável por essa corrida ao leitor, procurando atraí-lo pelo que ele tem de mais acessível, portanto mais primário. Donde deriva uma literatura de cordel, cheia de chulice e de obscenidade. Desdobra-se então o problema: não se elevou o nível cultural do povo (que está no compromisso de toda literatura) e poluiu-se o artista.¹⁹

Provavelmente pior que a crítica negativa, que ao menos veicula o nome da obra e seu autor no mercado, é a omissão da crítica, uma vez que ela é responsável por levar o público leitor às obras literárias. DM aponta a crescente busca pelo acessível na arte, de modo a atrair os leitores, mas o que acaba por baixar o nível da literatura, a ‘poluir’ o artista, ao invés de buscar elevar o nível cultural do povo. Essa noção da literatura como um instrumento de instrução social é própria da personalidade, que se manteve convicto contra a efemeridade dos modismos e dos movimentos que não seguiam suas concepções ideológicas.

¹⁸ Apud: GRAWUNDER, 1997 A, p. 92-93.

¹⁹ Op. cit., p. 93.

Em reportagem de Marco Túlio de Rose, em 1975, DM foi questionado se poderia, assim como Erico Verissimo, ter vivido apenas de direitos autorais, caso se dedicasse inteiramente à literatura. O repórter ressalta que a pergunta é importante, pois na hipótese da negativa, “ficaremos sabendo que nem o segundo escritor mais conhecido deste Estado pode ser profissional da ficção.” Segue a resposta:

Não poderia. Desprezando a questão de saber se eu venderia ou não, há uma bem mais importante. Eu sou um rebelde. Eu não sou do público. Sou incapaz de escrever algo pensando no que vão achar, qual será a impressão que causará. Sou incapaz de ser um vendido à editora, ou ao público. É o mesmo que o cachorro magro da fábula, não aceitando a vida fácil do cachorro gordo, pois tinha que usar coleira. Eu não sou um vendido, com sinceridade. Viver dos meus direitos autorais seria impossível, eu fracassaria no pouco que fiz de bom.²⁰

O excerto apresentado tem importância na compreensão da personalidade de DM assim como de suas dificuldades editoriais. Para além das questões publicitárias a cargo das editoras, o mesmo nega a vender-se para esse mercado artístico. Sua obra literária não tem caráter popular, mesmo levando em consideração *Os ratos*, que também sofreu com o círculo editorial; viver dos direitos autorais seria fracassar no que fez de bom, visto a falta de consonância entre sua obra e o sistema literário.

Em reportagem do jornal *O Pasquim*, de 1979, intitulada “DM, um grande escritor brasileiro (para quem teve a sorte de ler)”, figura o seguinte depoimento do escritor sulino: “A profissão de escritor não dá pra viver. Aliás, não é a única que não dá pra viver. Outro detalhe: o público domina o escritor, mostrando o tipo de livro que quer, e isto corrompe o escritor, que é obrigado a satisfazer o gosto do público, sem o que não come.”²¹ DM foi contrário ao sistema capitalista, não deixando de transparecer esse viés em seus depoimentos, assim como em sua literatura. A noção da obra como um reflexo da realidade justifica sua inflexibilidade com o que deve ser retratado. Tendo como ganha-pão a medicina, pôde manter-se firme em sua proposta, mesmo não sendo bem aceito pelo público:

DM – Bom, eu nunca tive aqui no RS, o que os franceses chamam de "bonne presse", uma boa imprensa, uma imprensa envolvendo toda a notícia, crítica ou não. "Bonne presse" não é só imprensa. Envolve livro e tudo. Nunca tive. Nunca houve simpatia.

AH – A que você atribuiria isso? À sua posição política?

DM – Não, porque antes mesmo. Depois de minha posição política foi o pretexto para se cultivar isso.

AH – Assim como me parece que hoje em dia, muito dos jovens jornalistas que estão te entrevistando tão seguidamente ainda usam a tua posição como pretexto. Não

²⁰ ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975.

²¹ JAGUAR, PERES, Glênio; WOLFF, Fausto. DM, Um grande escritor brasileiro (para quem teve a sorte de ler). *O Pasquim*, p. 18-19 Nov. 1979.

conhecem tanto o teu trabalho, mas usam a tua posição política como pretexto. Não posição contrária.

DM – Mas no bom sentido. Deixava-se de ler o livro porque era comunista. Aqui, nesta roda. Eu estava com a visita de dois comunistas, um foi meu companheiro de cubículo na casa de detenção no RJ, o outro, tinha entrado para o partido quando da legalidade. Teve o período da legalidade e ele entrou para o partido. Mas era um companheiro, novo, sem as experiências dos antigos, sem as vicissitudes por que os antigos passaram, mas era um companheiro. A propósito de *Deuses econômicos*, ele disse: "Ó, meu velho, não é um romance, os *Deuses econômicos* não é um romance. "Ele era um intelectual. E eu disse: "Escuta, filho, o que faltou nos *Deuses econômicos*? Ele tem caracteres, tem diálogos, tem paisagem, tem uma intriga, entrecho. O que falta? "Não, não é um romance". Mas então aponte uma coisa por onde eu possa ver". Ele não tinha lido.

Já no consultório, principalmente de psiquiatria, dá margem a muitas conversas, parece que fora do caso e não é. Era uma moça até muito ligada a nós e que estava ultimando o curso de Filosofia e Letras. "Bom, doutor, o seu livro está engajado". Não tinha lido também.

AH – Isso não é só contigo que acontece. O pessoal ficar falando sem ter lido. Isso ocorre muito.

DM – Mas todos traziam uma coisa: era comunista. O comunismo dava-lhes essa extraordinária vantagem: não precisava ler, não tinha compromisso com o autor, porque havia entre ele e a leitura aquela barreira: é comunista.²²

A dificuldade de publicação da literatura de DM é justificada pela atuação política do escritor, de ideologia comunista, mas a questão ultrapassa essa pertinente associação. O comunismo serviu de pretexto para que sua literatura não fosse lida, o nome do autor, associado diretamente à ideologia política, era o necessário para julgar sua literatura como unicamente panfletária. Antes de seu envolvimento com o Partido Comunista, ou mesmo antes de presidir a Aliança Nacional Libertadora em seu Estado, o escritor já não tinha uma "bonne presse" no Rio Grande do Sul, com todas as instâncias que engloba.²³ Por mais que as questões ideológicas transpareçam em sua literatura, sempre sustentou a seguinte ideia: "nunca fiz política na ficção. Fiz política nas praças, na Assembleia, na... polícia."²⁴

DM apontou diversas vezes que o provincianismo de Porto Alegre contribuiu para a difícil circulação de suas obras. Em depoimento cedido para a *Folha* em 1979, ano em que ganhou o Grande Prêmio da Crítica, da Associação dos Críticos de Arte, com o sugestivo título "Surpresa para Dyonelio Machado: Aos 84 anos, um dos mestres da nossa literatura começa a ser tratado com respeito pelos editores.", é possível se aprofundar nas dificuldades editoriais e sua relação com Porto Alegre:

²² HOHLFELDT, Antônio. Dyonelio Machado, dez anos depois, volta a lançar seus *Deuses econômicos* hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1976. (1ª parte). / Dyonelio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1976. (2ª parte).

²³ Atualmente, a ideologia política dos escritores já não serve como pretexto para o leitor recusar determinada obra, mas a literatura dyoneliana continua encontrando dificuldades para circulação, sobretudo seus trabalhos menos consagrados pela instituição literária.

²⁴ COSTA, Flávio M. Grandezas e misérias de Dyonelio Machado, o centauro dos pampas. *Escrita*, São Paulo, n.7, p. 3-5, mar. 1976.

Folha – Sua obra compreende quantos romances?

DM – Romances editados são: *Um Pobre Homem*, *Os Ratos*, *O Louco do Cati*, *Passos Perdidos*, *Desolação*, *Os Deuses Econômicos*. Aí estão seis. Inéditos: dois, que são continuções de *Os Deuses Econômicos*, que são *O Sol Subterrâneo* e *Prodígio*, *Mulheres*, *Terceira Vigília*, *Proscritos*, uns seis ou oito. E sem a esperança de editar. A indústria editorial está passando por uma tremenda crise. Só se editam livros pequenos.

Folha – As suas dificuldades parece que são ainda maiores. Por quê?

DM – Bem, eu sou um estigmatizado. Num centro metropolitano, as coisas não seriam tão difíceis, mas um centro provincial, em Porto Alegre, uma cidade tremendamente provinciana, o problema aumenta. Porto Alegre é tão provinciana como qualquer outro lugarejo aqui do estado. Num ambiente desses, a minha ideologia política já constitui dificuldade. (...)

Folha – Mas por que outros escritores da mesma época, como Graciliano Ramos ou Jorge Amado, não tiveram esses problemas de forma tão intensa quanto em relação a você?

DM – Porque eles não são daqui. Porto Alegre é uma coisa tremenda de provinciana. Jorge Amado foi até deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro, mas é que a metrópole apaga isto. A mentalidade provinciana é bem diferente da metropolitana.²⁵

Aos 84 anos e em plena produção literária, DM tinha mais romances inéditos do que editados. Dos inéditos mencionados, *Terceira Vigília*, que viria a ser publicado como *Endiabrados*, em 1980, fora enviado para concurso do Instituto Nacional do Livro em 1976, sendo aprovado mas não publicado na ocasião, posteriormente recebendo o Prêmio Jabuti, em 1981; e *Mulheres*, editado como *Nuanças*, foi premiado pela União Brasileira de Escritores, em 1982. Aliada à crise do sistema editorial, que se limitava a veicular livros de pequena extensão, de produção mais econômica, Porto Alegre é tida como uma capital conservadora, com papel determinante para a má aceitação de sua literatura: a partir da publicação de *O louco do Cati*, em 1942, pela editora Globo, as demais primeiras edições de obras literárias de Dyonelio Machado ganharam espaço apenas fora do Estado do Rio Grande do Sul.

Com *Desolação*, de 1944, e *Passos perdidos*, de 1946, a crítica foi omissa, sendo que as opiniões sobre o primeiro romance, vencedor do Prêmio Felipe D'Oliveira, apareceram apenas na década de 1970. DM voltaria a publicar somente em 1966, ano da reedição de *Os ratos* e da primeira edição de *Deuses econômicos*, passando vinte anos em silêncio. Um dos motivos foi a eleição de DM como Deputado Estadual pelo Partido Comunista em 1947, mas também por estar fora dos padrões em voga na época, como aponta Grawunder acerca dos vinte anos sem editar nenhuma obra:

O fato se explica, em parte, pela censura política imposta ao autor, que se estendia ao meio intelectual, mas também pela corrente de alienação dos leitores europeus pós-guerra, interessados em leituras mais amenas ou nos relatos da Guerra, interesses que rapidamente contagiavam os leitores da América, as distâncias de comunicação encurtadas. Por outro lado, numa tendência saudosista e conservadora, no extremo sul

²⁵ RIBEIRO, Leo Gilson. Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor: DM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Jornal da Tarde, p. 7, 31 mar. 1979. (Entrevista de DM a Edla van Steen).

do Brasil, o regionalismo continuava a grande fonte de interesse, como veio temático dos escritores e interesse dos leitores pela compreensão das façanhas que envolviam seus antepassados mais recentes ou, de parte dos descendentes de imigrantes, a tentativa de enraizar-se, pelo conhecimento dos costumes da terra que agora também é sua. (1997, p.86).

A partir da década de 1970 houve uma valorização da obra dyoneliana, época em que o escritor foi visitado por diversos jornalistas, não deixando de constar na pauta a questão dos inéditos. Em entrevista a Edla van Steen, em 1982, DM ainda contava com uma série de originais engavetados e sem perspectiva de publicação. Ao comentar sobre os vinte anos de hibernação, “não por vontade própria, mas forçado, por falta de editor”, diz que o problema é que é subestimado: “A indústria do livro vê isso e não se arrisca a perder dinheiro com um autor marginalizado, sem uma *bonne presse*, sem público. Há *Os Ratos*, que ainda se lê, para atender os escrúpulos do comércio de livros.” À consideração de DM, a entrevistadora comenta: “É curiosa a indiferença da crítica e do público por quem é hoje considerado um dos clássicos da literatura brasileira moderna...” As respostas do intelectual são, na maior parte, longos devaneios sobre os assuntos inquiridos, mas nas quais pode-se compreender um pouco mais sua pessoa e seu ofício como escritor:

É uma comovedora e clamorosa contradição, obra exclusiva da amizade, o que diz. Não poderia haver indiferença por parte do público e da crítica (logo por parte da indústria do livro) para com aquele que seria considerado um dos clássicos da literatura brasileira moderna (sic). Numa eleição *sui generis*, realizada na hoje capital cultural do Brasil (São Paulo), fui eleito o escritor mais subestimado. Guardo a página do jornal, tão gentilmente enviada a mim por mãos amigas. Aqui me pediram que mande emoldurar isso e dependurar na parede. Periga que eu faça. Aqui na província me foi negada, mas logo revista, a condição de escritor: eu era um médico que escrevia. Por não estar ligado profissionalmente à arte? (...) De duas uma: ou o produtor satisfaz o desejo ou necessidade do cliente, ou este dita ao fabricante o tipo do produto que lhe convém.

Os editores não viam em DM a possibilidade de lucro com a venda de seus livros, quando muito *Os ratos*. O mercado editorial, tendo que atender às exigências do público, subestimou as potencialidades do escritor, uma vez que não atendia ao perfil literário em voga, com seu forte caráter de denúncia social e psicológica do homem urbano, retratando de forma aprofundada as miudezas da vida cotidiana. Em outro depoimento, comenta que os editores só queriam contrato com a reedição da obra consagrada, ou de *O louco do Cati*, mas não queriam saber de seus novos trabalhos: “Pensei, talvez num momento de bom humor e alguma ironia, introduzir o processo nos meus livros: reedita-se um livro meu que já passou em julgado, à condição de editar também um livro novo.”²⁶

²⁶ RIBEIRO, Leo Gilson. Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor: DM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Jornal da Tarde, p. 7, 31 mar. 1979. (Entrevista de DM a Edla van Steen).

Os ratos, um dos vencedores do Prêmio Machado de Assis de 1935, teve de tudo para ser um começo auspicioso para a carreira literária de DM. Hoje em dia, ao mencionar o nome do escritor, a associação mais comum é ao clássico *Os ratos*, em uma espécie de rótulo que o perseguiu: “romancista de um romance só”. Essa questão causou problemas para a aceitação dos demais trabalhos do intelectual, além de ter causado reações negativas à sua pessoa, como observa o seguinte depoimento, de 1972, para o *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, em reportagem de Remy Gorga Filho, intitulada “O compromisso com o próprio sonho”:

A minha estreia no romance se fez com *Os ratos*, premiado em chave com outros romances. Mas, virtualmente decorridos quase 40 anos, a despeito de novos trabalhos do gênero, não passei desse livro de estreia – sempre lembrado.

Ele constituiu tema de estudos críticos e de estudos universitários, mereceu reedições. Se ocorre aparecer outra coisa minha, aquele que a notícia ou dela se ocupa não deixa de o mencionar. Em suma: demonstrou uma vitalidade que altamente me desvanece. E também colocou a mim numa posição ideal: sou o romancista de um romance só. Pra que, pois, gastar as gemas dos dedos no teclado da portátil, fazendo mais livros, quando tenho nesse pequeno volume – pouco mais que uma plaqueta – a fonte de uma ociosidade classicamente horaciana?

Quero que me fale mais de Os ratos, da ociosidade que proclama diante da glória que conquistou muito cedo. Quero que me diga se lhe faz muito mal tudo isto.

O fato – diz – é que tamanha glória resulta num mal. Cria mesmo a ociosidade. Primeiro da crítica, que se desembaraça da tarefa que o ofício lhe impõe, com uma simples referência – de resto, sovada já. Depois, do leitor, que se nutre do autor recomendado apenas perpassando algumas das suas páginas. Quem sabe mesmo se não atinge o próprio escrevinhador, que, melancolicamente, acaba aderindo a essa façanha da lei do menor esforço e com o tempo passa a ser, aos olhos alheios e aos seus próprios, um ente inútil e ridículo.²⁷

Mais de quarenta anos depois da publicação de *Os ratos*, a literatura de DM ficou quase que restrita ao seu romance de 1935, sendo ignoradas suas demais obras. A ironia presente no depoimento é de crítica expressividade: os novos trabalhos pouco interessavam ao público leitor, à crítica e às editoras, desanimando o escritor para elaborar novas produções. A criação artística, independente das demandas do mercado editorial, surge como uma necessidade íntima de expressão: é uma relação de integridade entre o artista e sua realidade exterior e interior.

Os pensamentos do intelectual sobre o sistema literário brasileiro expressam um fator importante da arte: sua autonomia. Essa autonomia começa na escolha dos temas a serem expressos assim como em suas propriedades estéticas, independente das exigências editoriais que prostíbem o escritor e sua criação. Toda obra artística está diretamente relacionada a determinado espaço-tempo, sendo esses dois aspectos determinantes na sua concepção, assim como em sua perpetuação em outros contextos que não o de sua origem.

²⁷ GORGA, Fº. Remy. O compromisso com o próprio sonho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 out. 1972.

A lucidez de DM, presente nos depoimentos assim como em suas obras, tem algo de profético: o caráter de sua literatura transcende o espaço-tempo de sua criação, assim como a crítica do intelectual, ambas pertinentes para a atualidade. Segue o testemunho cedido a Remy Gorga Filho, em que é possível aprofundar essa questão:

Agora quero dizer alguma coisa sobre um problema muito importante. O problema editorial. A coisa é séria, porque, atingindo indiscriminadamente a cada um da forma como se processa, em pouco tempo atingirá boa parte da produção cultural do nosso país. Eu não me iludo: tive editor para o meu primeiro romance pela circunstância de ele ter merecido um prêmio cobiçado – coisa decisiva – ter tido um editor não, por força das condições mesmas do concurso, que obrigava a casa lançadora da competição a publicar os livros premiados.

Já na década de 1920, DM sofria com o “problema editorial”: os dois trabalhos editados por ele nessa década foram com recursos próprios. A romance que projetou sua literatura foi publicado por causa da premiação de 1935, refletindo a dificuldade para sua inserção no sistema editorial. Esse problema é central na engrenagem que possibilita a difusão do livro, o que acaba por comprometer a produção cultural num todo. Continua o depoimento:

Chega-se, assim, a uma questão: como editar? Lendo o livro? Fazendo ler o livro? Dando para a filha, para o filho, para a esposa, para o vizinho ler? Mas – dirão – onde encontrar tempo para isso? O editor tem pressa, seu capital não se pode imobilizar nem por um segundo sequer. Bom, então o próprio escritor deverá montar uma casa editora. Foi o que fez Balzac, e se endividou por toda a vida. Foi o que fez Monteiro Lobato, sem maior êxito.

Fora desse núcleo editorial, bastante contaminado pela demanda do mercado, são poucas as alternativas para o escritor: ainda hoje notamos um crescimento de pequenas editoras no Brasil, sendo sua criação motivada principalmente para a produção de escritores que não conseguem – ou não querem – se inserir nesse sistema. Esses empreendimentos acontecem, como relata DM, desde o século XIX, quando houve uma expansão do círculo editorial assim como do sistema capitalista, no entanto não alcançam maiores êxitos, muito devido à questão publicitária, além da influência das mídias e das academias sobre o que “deve” ser reconhecido, ou ignorado pelo sistema literário e ditador do cânone. O depoimento continua, apontando a postura do escritor sulino frente a essa situação:

O caso, porém, é que há a associação. O que um não pode fazer, o todo pode. Meu caso pessoal é meio divertido: eu tenho e não tenho editor. Talvez pudesse regularizar a coisa, tendo editor sempre (como vejo com muitos) ou não tendo editor, definitivamente. Mas estou velho – na vida e na arte.

Minha estreia na ficção (um livro de contos) tem mais de 45 anos. Por mais que me possam negar, adquiri direitos, senão de merecimento, pelo menos de antiguidade, em matéria de literatura na minha pátria. Não hei de assistir, comodisticamente de braços cruzados, a depreciação e até a estagnação da literatura brasileira, porque outros interesses, embora legítimos na esfera da troca, assumem a primazia, numa matéria, como a cultura, em que só o gênio criador devia imperar.

A combatividade é um dos fatores centrais de DM, que já maduro em seu ofício, sustenta sua convicção contra o que considera a “depreciação e até a estagnação” da literatura brasileira, como ilustra a entrevista conferida em plena ditadura militar. O problema central seria o deslocamento de interesses, uma vez que num âmbito em que o gênio criador deveria imperar sobressai a noção de mercadoria. Isso leva a arte a perder sua autonomia, sem a qual se torna apenas um objeto de consumo. Terminando o depoimento, DM critica a falta de “vida literária” no Brasil, desenvolvendo a sua concepção desse termo:

Coisa engraçada vem se passando comigo e com os meus livros. Críticos, jornalistas, professores, autores de trabalhos sobre a história da literatura, dicionaristas, simples leitores surpreendem-se quando topam com qualquer informação dando-me como um escritor em atividade. Julgavam que eu não escrevia mais. A memória – pelo menos para literatura – está bem curta entre nós. E isso prova que não há vida literária no Brasil. Vida pressupõe certo remanso na corrente do tempo. A corrente, só, desgastaria, não capitalizaria. O que nós temos na atualidade é um fluxo em cascatas, valendo apenas a cascata do momento, reduzindo-se as anteriores em meras águas servidas... Pungente, essa desagregação.²⁸

Para DM não existe vida literária no Brasil, pois essa ideia, naturalmente, desgastaria o constante fluxo que alimenta o mercado. Associar a vida literária à metáfora da corrente do tempo é elucidativa: vida literária prescinde um remanso, enquanto a ideia do mercado seria a corrente em cascatas, questões superficiais, passageiras, modismos. Essa necessidade editorial de produção em cascatas obriga, por sua vez, os escritores a produzirem mais quantidade, voltarem sua atenção aos desejos do público e, conseqüentemente, baixarem a qualidade dos trabalhos, uma vez que perdem sua autonomia e liberdade.

O depoimento analisado consegue englobar todo um complexo, do sistema editorial à crise cultural que o mesmo determina, com uma perspectiva de caráter um tanto marxista, de próxima relação com pensadores como Theodor Adorno e Jean Paul Sartre – para citar apenas dois. Os testemunhos de DM sobre os problemas editoriais englobam sua própria concepção de literatura e qual o seu papel na cultura e na sociedade. Sua perspectiva reflete a sensibilidade e a capacidade do intelectual para apreender os mecanismos de repressão em seus diversos níveis de atuação – alguns mais explícitos, como nos regimes ditatoriais, outros mais sutis, mas tão eficientes quanto o primeiro.

A lucidez crítica de DM, englobando a perspectiva social e psicológica, fez de sua obra um complexo documento da época, tanto acerca dos temas abordados como pela linguagem usada. Surgindo como reação ao sistema dominante e opressivo, buscou elevar o

²⁸ GORGA, Fº. Remy. O compromisso com o próprio sonho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 out. 1972.

nível de consciência do público leitor sobre a realidade circundante, proposta condizente com a personalidade do intelectual, mas sofreu as consequências. Ao analisar o lento movimento de valorização da literatura de DM, Grawunder elucida os motivos subjacentes à difícil circulação do escritor em seu tempo:

Se, como na obra de Dyonelio, ao se oporem os discursos [da obra e da sociedade], forem criadas expectativas de negação, o texto não circula. Por isso, se a literatura for considerada como a formalização estética de uma visão de mundo, o aspecto de reintegração e resgate de uma obra marginalizada ou proscrita é um fenômeno de grande significado na interpretação da função da literatura na sociedade. (...) Certos textos tem um lento processo de afirmação, que se realiza a longo prazo, por força de adesão progressiva de forças institucionais a ideias e valores intrínsecos do discurso da obra, seja em termos de conteúdo ou de construção poética. (GRAWUNDER, 1997 A, p. 136).

O discurso dominante, de acordo com os parâmetros institucionais vigentes, dotado de uma ideologia imperativa que faz circular apenas os textos em conformidade com seus valores, desde cedo tentou abafar a literatura produzida por DM, que ao poucos foi sendo afirmada. Nas últimas décadas de vida, conseguiu editar diversos romances engavetados, mas a trilogia *Os flagelantes* teve o segundo e o terceiro volume silenciados. De suas obras literárias, foram as únicas que ficaram inéditas, mesmo tendo o escritor mencionado sua vontade de publicá-las, o que reflete o caráter corrosivo de sua crítica, ainda as peculiaridades de sua construção poética.

Grawunder trabalhou no resgate de obras proscritas de Dyonelio, publicando dois originais: *O estadista*, primeiro romance de Machado, de 1926, significativo para o seu processo de maturação, que permaneceu inédito por vontade do autor; e *Memórias de um pobre homem*, livro de memórias. A pesquisadora apontou, em artigo publicado na revista *Continente Sul-Sur*, do IEL, número 4, em 1997, a obra *Proscritos* entre os originais de Machado, inclusive publicando parte do segundo capítulo da obra.

No depoimento abaixo, cedido para *O Estado de São Paulo*, em 1979, DM manifesta sua vontade em relação ao fim que vai conceder aos seus escritos inéditos, renegados pelo mercado editorial. Na época, como expressa o nome da reportagem de Leo Gilson Ribeiro, “Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor: DM”, o escritor sulino já era elevado – ao menos por algumas pessoas – ao panorama dos maiores escritores do Brasil. O testemunho documenta a vontade de publicar os romances inéditos, não deixando o tom de ironia com que DM abordava esse tema:

Já me entendi com uma biblioteca pública para, metendo tudo isso num pacote e entregar-lho, conferir-lhe o direito de fazer com ele o que quiser. Penso que o mais indicado é queimar. Dirão: porque você mesmo não queima? É uma pergunta

inteligente. Talvez faça isso mesmo. O fogo purifica: quem sabe se as cinzas assim tratadas, não serviriam para alguma coisa que o livro não teria capacidade de realizar.²⁹

Apesar da intenção de queimar os originais inéditos, assim como enviá-los para a biblioteca pública a fim de, mudado o discurso de tempo, poderem ser valorizados, DM não os queimou e inclusive conservou diversas escrituras, anotações, constituindo fértil campo de pesquisa para os estudos voltados ao processo de criação. Os manuscritos de *Endiabrados*, por exemplo, segundo o que consta no Acervo Dyonelio Machado, englobam um caderno manuscrito contendo a primeira versão da obra, os originais datiloscritos enviados para o concurso, uma série de recortes de jornais que inspiraram o romance e anotações a fim de dar um enfoque mais realista à obra, como a descrição de uma missa católica, a fim de escrever uma cena que se passava num culto religioso.

Grawunder comenta que o escritor “sempre foi extremamente metódico e exigente quanto ao aspecto organizacional”, motivo pelo qual “organizava sumários das obras a iniciar, preocupava-se com detalhes como diagramação, capa e revisão, o que também lhe trouxe alguns problemas com editores.” (1997, p.128). Dentre os materiais do Acervo voltados para essa questão, ressalta-se o boneco de *Um pobre homem*, de 1927, e duas propostas de capas em aquarela, para *Passos perdidos*, de 1946, e para *O louco do Cati*, de 1942, as quais não figuraram em suas edições. No manuscrito de *Proscritos* é possível averiguar essa atenção conferida à diagramação e à tipologia empregada, principalmente nas páginas iniciais do romance.

Sobre a atenção de DM conferida às edições de seus trabalhos, segue um depoimento sobre a primeira edição de *Deuses econômicos*, pela editora Leitura, em 1966:

Ele foi editado, péssima edição, em 66. Eu andei confiscando, andei comprando. Fui até a editora, editora do Rio de Janeiro, não quero citar nomes, cheguei lá e comprei. Queriam me dar os poucos exemplares. Eu disse "Não, eu quero comprar, faz um preço." O cidadão procurou um mais graduado do que ele, esse não resolveu. Procurou até que foi no editor. O editor, então, deu o preço: 1 cruzeiro. Eu queria era pagar. Por que, eu mesmo não sei, eu calculo, eu conjecturo, por que eu queria pagar. Eu deixo para vocês, os futurólogos, os bruxos, descobrirem.³⁰

O depoimento, de sutil ironia, expressa o preciosismo do escritor com o processo editorial, de modo a sentir-se incomodado a ponto de tentar comprar todos os exemplares disponíveis no mercado, a fim de evitar a circulação de uma edição mal elaborada. É fácil

²⁹ RIBEIRO, Leo Gilson. Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor: DM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Jornal da Tarde, p. 7, 31 mar. 1979. (Entrevista de DM a Edla van Steen).

³⁰ HOHLFELDT, Antônio. Dyonelio Machado, dez anos depois, volta a lançar seus *Deuses econômicos* hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 set. 1976. (1ª parte). / Dyonelio Machado deixa como herança a certeza da solidariedade humana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 set. 1976. (2ª parte).

concluir que DM não mais publicou pela Leitura, sendo *Deuses econômicos* editado novamente pela editora Garatuja, em 1976, onde consta como observação sobre sua segunda edição: “Correta, aumentada e com variantes”.

A partir das considerações do presente subcapítulo, é possível compreender a busca incessante pela autonomia da arte, sua liberdade, o compromisso com o seu tempo. Ela é um espaço de resistência, em constante conflito com as engrenagens capitalistas que determinam o meio editorial e todo o sistema literário, que tentam usar a arte como uma mercadoria, subtraindo da mesma a sua capacidade de denúncia social e desenvolvimento sensível e crítico dos leitores. Essa autonomia levou a literatura produzida por Dyonelio Machado a um conflito, não com o seu próprio tempo, mas com as engrenagens do discurso dominante: conseguiu tamanho grau de originalidade que se tornou uma obra de vanguarda, dificultando sua inserção dentro do sistema literário.

2.2 Trilogia *Os flagelantes*

A obra literária de Dyonelio Machado surge como um reflexo, tal um espelho, de seu próprio tempo. Com sua capacidade crítica social e forte tom intimista, foi elogiado pelos artistas de sua época, como Mario de Andrade e Guimarães Rosa, mas manteve-se subestimado pela instituição literária, como ainda o é, numa menor escala, nos dias de hoje.

Um dos melhores exemplos acerca da subestimação de DM é o romance *Endiabrados*, baseado em reportagens de jornais da época – estando os recortes no espólio do escritor -, produzido entre março de 1959 a dezembro de 1961. Mesmo sendo criado sobre assuntos pontuais de uma época, foi publicado em 1980, chegando a conquistar uma das mais importantes honrarias literárias do Brasil, o Prêmio Jabuti, mas não logrou uma segunda edição. A obra é o primeiro romance da série *Os flagelantes*, que tem como segmento *Proscritos* (escrito no ano de 1964) e *Terceira vigília* (começado em 1966 e tido como encerrado em 1980), ambos sem edição.

O primeiro depoimento em que DM faz menção à trilogia *Os flagelantes* foi em 1966, na ocasião da reedição de *Os ratos*, quando é quebrado um jejum de vinte anos sem editores. Intitulado “Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial”, cedido para o *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, o escritor aponta as dificuldades editoriais que teve com *Deuses econômicos*, que ainda não tinha sido publicado, e com a trilogia iniciada por *Endiabrados*:

Em julho de 54, tive os originais devolvidos pela editora a que me dirigia. Tentei outra. Ambas já tinham editado livros meus. O livro não interessava, e ainda não foi publicado, decorridos já doze anos. Mesmo assim, não esmoreci, e estou com um romance já quase terminado, e que, em consideração ao sensível jovem que me entrevista, forneço a ele essa informação inclusive declinando-lhe o título: *Os Flagelantes*. Esta obra pode ser considerada como *Deuses Econômicos*, como a crônica de uma época. Sem ser história, pois se cinge à técnica e às regras do romance, expressa a vida de uma época, a nossa. Felizmente, para essas duas obras, não me faltam hoje editores. *Os Flagelantes* será um romance dividido em quatro partes, que podem ser publicados isoladamente. A primeira, “Endiabrados”; a segunda, “Proscritos”; a terceira, “Última Reencarnação”; e a quarta, “Dois Mistérios”. Dessas, duas e meia já estão prontas.”³¹

Deuses econômicos teve seu terceiro volume, *Prodígios*, 1980, publicado antes do segundo da série, *Sol subterrâneo*, 1981, devido ao extenso número de páginas do último. *Os flagelantes* tinha a perspectiva de estender-se a quatro volumes, mas virou uma trilogia. Apesar do otimismo de DM, que acreditava não faltar editores para suas duas séries (na época tinha contrato com a editora Civilização Brasileira), as obras citadas vieram a ser publicadas posteriormente. De *Os flagelantes*, o primeiro volume foi editado em 1980, o texto do segundo volume tem sua proposta de fixação textual no presente estudo, sendo que o terceiro continua no Acervo Dyonelio Machado, manuscrito.

DM aponta que a série iniciada por *Deuses econômicos*, assim como a trilogia *Os flagelantes*, pode ser considerada como “crônica de uma época”. Essa concepção é própria de sua literatura, a busca pelo compromisso com o seu tempo – mesmo no caso de a primeira série se passar na Roma Antiga. Isso reflete o quanto o escritor se manteve fiel à sua proposta, independente dos movimentos literários da época, o que contribuiu para a má aceitação de suas “crônicas”, em meio às novas tendências estéticas que apareciam na década de 1960.

Em entrevista cedida em 1982, DM comenta seus trabalhos inéditos, em especial a série *Os flagelantes*, apontando as motivações da temática do primeiro romance da série, assim como as dificuldades para sua edição. Na época, a série já era concebida como uma trilogia:

No entanto, você me mostrou vários originais de livros inéditos. Quando os escreveu? Você quer saber quantos são e quando foram escritos? Como eu queria participar dum concurso do Instituto Nacional do Livro e possuía um romance absolutamente inédito, com ele me apresentei. Mas, antes, numa entrevista para a imprensa, declinei o nome Endiabrados. Somente o título era conhecido. Mesmo assim violava o sigilo. Substituí pelo de Terceira Vigília. Comecei a compô-lo em março e terminei em dezembro de 1961. A intriga do romance baseava-se num forfait que tivera grande repercussão na imprensa, bem como no Congresso, pouco tempo antes de findar o ano de 1958. Não obtive o prêmio, a que de resto me lançara uma suspeição cultivada. Com aquele salvo-conduto do INL, já estava apto a pleitear uma edição. Um confrade e amigo

³¹ MENDES, Uirapuru. Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31 jul. 1966.

levou-me ao editor que apresentava todo o visio de querer imprimir *Terceira Vigília*. Um ano depois fui ao Rio buscar os originais. Já antes, *Deuses Econômicos* fora rejeitado. Em continuação a *Endiabrados* escrevi *Proscritos*, que encafeui num desvão da estante, num lugar escuso até para mim. Eles integravam uma série com o título geral de *Os Flagelantes*. O terceiro e o último volume já estavam escritos com o nome *Última Encarnação*, o que, sem me dar conta, criava uma aparente filiação como o portentoso Vautrin, e portanto precisava mudar. Mas não mudei, talvez um tanto descorçoado. Os anos da década de setenta, já desembaraçado da clínica, propiciaram *Mulheres*, onde travarão relações com Carmosina e o bem conhecido Manivela. *Sol Subterrâneo*, *Prodígios*, estes dois continuam *Deuses Econômicos*. Para coroar a buchada, uma plaqueta a pedido das damas do coral de Cecília: *Ele Vem do Fundão*.³²

O nome da terceira parte da série mudou de *Última encarnação* para *Terceira Vigília*, assim como consta nos originais. A trilogia tem como ponto de partida um *forfait*, com repercussão na mídia e no congresso, envolvendo o círculo governamental, clerical e familiar, num contrabando de despachos dos Estados Unidos, de automóveis, peles e eletrodomésticos, sob a capa de doação, mas vendidos sem taxaço de impostos. A trama de *Endiabrados* envolve um triângulo amoroso ilustrado por Chassan-Villela, criminoso e corruptor, Abelardo Besouro, jornalista corrupto e fracassado escritor, que se curva ao sistema a ponto de inserir sua esposa, Tanaia, com o ex-amante, a fim de facilitar os trâmites que bem lhe beneficiariam financeiramente. A figura feminina, tão presente na literatura dyoneliana, é simbolizada por Tanaia, que acaba por suicidar-se no final da obra, não deixando de sugerir um assassinato.

A trilogia *Os flagelantes* dialoga diretamente com o tempo em que foi escrita – tem sua motivaço em acontecimentos sociais verídicos –, mas com o poder de transcendê-los, como prova o Prêmio Jabuti concedido a *Endiabrados*, vinte anos depois de sua realizaço. A obra critica os valores da sociedade capitalista, apontando os mesmos como capazes de corromper a dignidade dos seres humanos que a ele se submetem, para a qual é usada a metáfora da animalizaço, crítica pertinente para a atualidade, quando ainda assistimos a desconstituço das instituçoes criticadas pelo escritor e a degradaço do ser humano.

O autor designou a trilogia como romance de costumes, sobre o qual diz Balzac ter sido um adepto, também denominado romance-denúncia, de forte cunho sociológico, próprio do romance realista. Tal conceito literário, relacionado diretamente com as propostas estéticas do século XIX, revela um distanciamento entre a ficço dyoneliana e as obras em voga: a noço de crônica de uma época, organizada a partir de recortes de reportagens de jornal, em meio a uma linguagem próxima da jornalística, surgiu independente e paralela à produço literária então prestigiada.

³² STEEN, Edla van (Org.). *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982, v.2, p. 123-139.

Os flagelantes pode ser considerado, provavelmente, o trabalho de ficção que mais vincula DM com a sua realidade circundante, uma vez a sua perspectiva de crônica de uma época e sua construção a partir de fatos verídicos. Engloba um complexo de instituições sociais e como as mesmas se degradam dentro das contingências da sociedade e da cultura, integrando na obra questões ideológicas, psicológicas e estéticas em consonância. Talvez por essa capacidade de estar ligada ao seu próprio tempo e por sua propriedade reativa ao discurso dominante teve sua voz silenciada, sendo o único trabalho ficcional de DM que, mesmo contra sua vontade, não foi publicado na íntegra quando ainda em vida.

Proscritos, sendo continuação de *Endiabrados*, consiste num desenvolvimento da mesma história, de enfoque deveras realista, baseado em *fait-divers* como já assinalado. O uso de *fait-divers* traz uma originalidade distinta à trilogia *Os flagelantes*, justificando um adendo para sua melhor definição, segundo Barthes (2007):

notícia geral (pelo menos a palavra francesa *fait divers* parece indicá-lo) procederia de uma classificação do inclassificável, seria o refugio desorganizado das notícias informes; sua essência seria privativa, só começaria a existir onde o mundo deixa de ser nomeado, submetido a um catálogo conhecido (política, economia, guerras, espetáculos, ciências, etc.); numa só palavra, seria uma informação *monstruosa*, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis, que se classificam em geral pudicamente sob a rubrica dos *Varia* (...). (p.56-57).

Fait-divers, ou notícias gerais, consistem no ponto de partida da trilogia, que tem sua construção formal semelhante com a modalidade jornalística. Barthes aponta, sobre a estrutura desse tipo de notícias, que ela se caracteriza por sua imanência: “é uma informação que contém em si todo seu saber” (p.57-58), ao contrário de acontecimentos que requerem uma informação externa ao enunciado para sua inteligência. Essa estrutura fechada e de caráter imanente só é possível através de sua capacidade da articulação interna dos termos e sua relação, o que remete à construção da trilogia de DM.

Proscritos tem como foco central questionamentos acerca do suicídio de Tanaia, sobre o qual havia a suspeita de assassínio, e a recente queda do governo, ocorrida logo depois do início da escritura do romance. Na obra, encontra-se um DM bastante à vontade com a linguagem em uso e os temas tratados, numa liberdade própria de quem não ganha a vida como escritor. Critica a corrupção do congresso, da Academia Brasileira de Letras, a compra de reportagens na imprensa, a instituição médica, o âmbito literário em geral – onde a fama pessoal sobressai ao conteúdo das obras –, assim como a crise editorial, articulando tais questões de modo a construir um volume para o qual não é necessária a leitura do anterior, tampouco informações exteriores ao texto.

Conhecendo fatos da vida do escritor, é inevitável fazer associações entre as suas vivências e a ficção de *Proscritos*. Os temas tratados são expostos com propriedade, digno de uma pessoa que conheceu a fundo as engrenagens de nossa realidade cultural, englobando o âmbito literário, jornalístico, político, médico e familiar. Escrito em pleno 1964, ano do golpe militar, é de se esperar que DM fosse passear seu espelho pelos ocorridos, de modo a refletir tal afronta à humanidade. Como egresso do cárcere na ocasião de outro regime totalitário, o intelectual não poderia deixar de tocar-se com a conjuntura política da época: sua prisão de 1935 deu origem direta a quatro romances; *Proscritos* é a obra de DM que contempla o contexto da implantação do regime militar no Brasil.

Levando em consideração os temas norteadores da obra, e ainda tendo outros romances inéditos, é compreensível que DM deixasse o romance em pauta num desvão da estante, num lugar escuso até para ele mesmo, como apresentado em depoimento exposto anteriormente. Atormentado pela sombra do cárcere, como costumava dizer, e levando em consideração o poder político de seu nome, seria perigosa uma manifestação do tipo, sobretudo nos anos de ditadura. O escritor faleceu poucos meses depois do fim do regime militar, e seu *Proscritos* ficou, como seu nome sugere, proscrito.

Proscritos começa com o seguinte apontamento: “Uma Questão: Podem os fatos ser verdadeiros, com personagens fictícias? Este livro é uma resposta.” O vínculo com a realidade, sobretudo pelo fato de ser escrito sobre *fait-divers*, já é anunciado desde o começo, mas com uma ressalva: as personagens não são reais. A obra perambula no limite da ficção e a não-ficção, assim como as demais obras que compõe a trilogia *Os flagelantes*, próximas do romance-denúncia, ou “romance de costumes”, como designou o autor. Como exemplo a epígrafe de *Endiabrados*, retirada de *La Logique Sociale*, de Gabriel Tarde: “Rien n’est plus intimement inhérent à un livre que sa date.”

Endiabrados já apresentava a proposta da trilogia, tanto em questões estéticas como temáticas, e foi mal recebido pela crítica. A proposta estética de DM, intitulada pelo mesmo como “romance de costumes”, tendo como ponto de partida reportagens e acontecimentos reais, recebeu críticas incoerentes entre si, de influentes teóricos da época. Grawunder aponta essa falta de compreensão da estética de *Endiabrados* – que podemos tomar também para as demais obras da trilogia – ao apresentar a exposição dos teóricos Wilson Martins e Flávio Kothe. Ainda, considera elementos estéticos tratados com perícia na trilogia *Os flagelantes*:

Como se vê, enquanto um crítico cobra do autor mais ficção, outro exige no livro um estudo sobre as contradições da igreja, enquanto nada disso parece ter feito parte do projeto literário do autor, que pretendeu apenas jogar no palco seus fantoches e deixar

sua trama ao julgamento do leitor. Quer me parecer que o mais importante em mais essa obra sua, faz-se presente na arguta observação que o autor faz dos meandros dos motivos que podem levar o ser humano à degradação, ao aviltamento e mesmo à morte. Acentua-se também o domínio do instrumental do artista da literatura, o tema trivial tratado artisticamente, segundo poética baudelairiana endossada por Dyonelio. Na sua arte ele foi mestre, não se preocupava apenas em contar uma história, mas em usar a palavra exata, numa literatura conceptual, diríamos, econômica e liberta da adjetivação desnecessária, seguindo o outro grande brasileiro Machado de Assis. Desse modo, *Endiabrados* segue o caminho das outras criações de Dyonelio Machado, marcadas como literatura que provoca, além dos sentimentos, a inteligência do leitor para interpretação reflexiva. (GRAWUNDER, 1997 B).

A simplicidade que pode sugerir a proposta literária de DM contribuiu para a falta de precisão nos julgamentos dos teóricos sobre a primeira parte da trilogia *Os flagelantes*. No entanto, as palavras de Grawunder apresentam aspectos importantes sobre a estética dyoneliana, justificando a coerência entre a forma e o conteúdo em sua literatura. Um artista passeando um espelho, mas com um olhar perspicaz, refletindo os mecanismos que levam o ser humano à degradação, à animalização, instigando, acima de tudo, a capacidade interpretativa do leitor acerca de sua condição no sistema ao qual submetido.

A poética do trivial, própria de toda a literatura dyoneliana, é desenvolvida em *Os flagelantes* de forma acentuada, de modo a organizar a simplicidade dos temas num complexo em diálogo, instigando o leitor em sua subjetividade, em sua capacidade de reflexão crítica, própria de uma literatura conceptual. A falta de consonância entre os teóricos sobre *Endiabrados* reflete sua qualidade de obra aberta, sem uma significação rígida e fechada. Os temas triviais, cotidianos, são elevados a uma segunda potência, a artística, tanto em sua organização como na forma que se manifestam. Usando da simplicidade da linguagem jornalística, cotidiana, DM atenta para a ideia da *mot juste* própria do Realismo, uma linguagem econômica, negando o excesso de adjetivação, uma vez o valor concedido ao conceito a ser expresso e à capacidade interpretativa dos leitores, que vão colorindo a prosa em sua própria subjetividade.

Endiabrados foi o único romance de DM agraciado com o Prêmio Jabuti, porém não logrou uma segunda edição. A má recepção da obra certamente contribuiu para dificultar a publicação dos demais romances da série, fora dos padrões estéticos e ideológicos da época. Um escritor maldito, pois teve seu discurso abafado, censurado por razões ideológicas. Atualmente, apesar do crescente reconhecimento, edições e filmagens de suas obras, considerado escritor de vanguarda e precursor de uma nova realidade na literatura, parte de seu trabalho ainda é marginalizado. De forma curiosa – e até mesmo irônica – se apresenta o seguinte fato: no *site* do Prêmio Jabuti, sobre a premiação do ano de 1981, nota-se que o

vencedor da categoria Romance não consta na página.³³ Esse sujeito é o mesmo que teve o nome omitido no jornal *Correio do Povo* do ano de 1935, em artigo sobre os vencedores do Prêmio Machado de Assis de Literatura.

Considerando as exposições de DM sobre as dificuldades que sua arte encontrou para circulação, deve-se ressaltar a importância do resgate de obras marginalizadas e proscritas, sobretudo pela compreensão da função da literatura na sociedade. Essa importância ganha densidade quando se trata de um dos principais escritores da segunda geração do Modernismo no Brasil, com influente atuação na formação cultural da sociedade de seu país no século XX. DM introduziu uma nova temática no panorama literário, explorando as condições do homem urbano submetido a um sistema que o oprime e o corrompe, através de um aprofundamento psicológico e linguagem própria, de modo a distanciar-se dos padrões estéticos de seu contexto e afrontar diretamente os valores ideológicos em voga. Suas ideias revolucionárias sobre o âmbito sociocultural contrastavam com as de sua época, de modo a ser marginalizado, censurado, até o movimento de valorização de seu trabalho que iniciou na década de 1970 e perpetua na atualidade.

A literatura de DM é concebida, pelo viés de sua produção, como um sutil mecanismo de sublimação de traumas e anseios frustrados, sempre relacionados com a bagagem empírica do escritor. Sua sensibilidade e perspectiva aguçada, aliada à experiência de vida, possibilitaram uma produção literária de notória originalidade, voltada, assim como Dyonelio o era, para as questões sociais, artísticas, políticas e humanitárias. A literatura como reflexo de sua própria pessoa, na tentativa de transformar a consciência da sociedade para uma maior lucidez sobre as contradições do sistema sociocultural, na esperança de uma vida mais humana e justa.

Proscritos encerra em si mesmo a figura polêmica de DM. O nome da obra já é sugestivo por natureza, refletindo a realidade da história de seu autor assim como a do manuscrito, expondo as engrenagens do sistema e as corrupções que o alimenta – tanto no âmbito político como no literário -, na simplicidade de um tom artístico que contempla o trivial em suas esferas mais profundas. O resgate de *Proscritos* merece destaque no panorama da história literária brasileira, sobretudo a do Rio Grande do Sul, como uma dívida a ser paga a Dyonelio Machado, visão lúcida censurada pela arbitrariedade das instituições detentoras do poder, que buscavam sustentar uma ideologia ultrapassada em meio às ideias revolucionárias incitadas pelo intelectual.

³³ Disponível em: <http://www.premiojabuti.com.br/content/pr%C3%AAmio-1981>. Acesso em: 3 abr. 2013.

3 POR UMA PROPOSTA DE EDIÇÃO TEXTUAL

3.1 Noções teóricas da crítica textual

A edótica, segundo Segismundo Spina (1977), é entendida como a técnica de editar um texto, enquanto a crítica textual seria desta ciência o seu núcleo básico ou especificamente filológico. A crítica textual é uma arte que oferece uma série de conselhos gerais extraídos de uma prática plurissecular sobre casos individuais de uma natureza muito diversa, na busca por um método que permita eliminar – o quanto possível – o subjetivo no preparo da edição de um texto. (BLECUA, 2001, p. 9).

Um dos pressupostos da disciplina é o fato de que um texto sofre modificações ao longo do processo de sua transmissão, voluntárias ou involuntárias, sendo tarefa do editor crítico a restituição da forma genuína dos textos (CAMBRAIA, 2005, p. 1). Para o estabelecimento do texto mais próximo do original, é necessário o levantamento das versões das obras, cópias manuscritas – no caso de serem anteriores à invenção da prensa de Gutemberg – ou distintas edições impressas, buscando, através de um meticuloso processo de colação, a aproximação do que seria a versão mais próxima da vontade do autor.

A origem da crítica textual remete aos filólogos alexandrinos do século III a.C., no Egito, época em que a questão do original ou, pelo menos, de uma versão do texto bastante garantida, foi questionada em volta da monumental biblioteca de Alexandria, na busca de reunir e transmitir às gerações futuras o patrimônio cultural da antiga Grécia. “Para editar de forma rigorosa os dois primeiros poemas atribuídos a Homero surgiu, pela primeira vez, naquela ocasião, a questão do texto original de uma obra que se pretende conservar na sua autenticidade (‘questão homérica’).” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 25).

O segundo momento da crítica textual concerne ao período do Humanismo e da Renascença, quando a busca dos manuscritos de obras clássicas, gregas e latinas, provindos do Oriente, multiplicou as versões existentes de uma mesma obra e suscitou, novamente, a questão de como editar um texto quando existem redações distintas. O critério adotado pelos filólogos não tinha por finalidade a reconstituição do original perdido: resumia-se a um ‘aperfeiçoamento’ do texto pelos eruditos, que trabalhavam na oficina tipográfica como revisores ou corretores. Esses textos bem polidos, límpidos, constituem a chamada ‘vulgata’, edições que fundamentaram grande parte das edições seguintes, até o século XIX, constituindo o texto príncipe de referência. (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 26).

O terceiro grande momento do desenvolvimento da crítica textual remonta ao século XIX e perdura até hoje. O grande expoente que iniciou um modelo mais baseado nos métodos científicos foi o alemão Karl Lachmann, de modo a trabalhar uma série de critérios que conferiam a seu trabalho maior aproximação do original. Dentre as etapas de trabalho estão: ‘recensio’, levantamento dos testemunhos do texto; ‘examinatio’, exame de cada testemunho no intento de validar sua autenticidade; ‘collatio’, exame comparativo dos testemunhos, de modo a averiguar as afinidades e relações de parentesco; ‘stemma codicum’, buscando uma árvore genealógica dos testemunhos; ‘eliminatio codicum descriptorum’, eliminação das cópias menos autênticas, derivadas de outras; e ‘constitutivo textus’, de modo a tentar estabelecer uma versão final, próxima do original. (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 32-35).

Na busca de apresentar um texto depurado, o mais possível, de todos os elementos estranhos ao autor, a crítica textual tem como ponto de grande importância a questão do erro, natural no processo de cópia dos originais para o texto a ser veiculado. Para Blecua (2001), são cinco operações efetuadas no ato de cópia. Nessas operações, podem ocorrer quatro tipos de erros (acidentais) que podem ser cometidos pelos copistas: adição, omissão, alteração da ordem e substituição. (p. 19-20). Além dos erros acidentais há os erros conscientes por parte do copista ou tipógrafo, erros provenientes de partes danificadas do texto, ocasionadas por destruidores como o tempo, a umidade, o fogo, as traças, além de fatores relacionados à censura ou erros provenientes da composição do livro, como sua encadernação, por exemplo. (p. 30).

Até a crítica textual moderna, o trabalho dos estudiosos para achar o texto mais próximo do original consistia no estudo das cópias a que tinham acesso. No caso *do Novo Testamento* (estudado por Lachmann), ou da *Odisséia*, de Homero, é impossível ter acesso aos manuscritos oriundo de seus autores, de onde vem a necessidade de cotejar as cópias a fim de uma aproximação do que pode ser considerado o mais próximo do arquétipo perdido. O século XIX abriu à crítica textual a possibilidade de estudar os originais encaminhados às editoras e os manuscritos de processo, oriundos do trabalho privado dos escritores. O manuscrito de trabalho difere da noção de manuscrito dos textos da antiguidade ou da idade média, pois os mesmos não tinham o objetivo de serem expostos: próprios de uma esfera particular, são documentos de produção, mas não edições prontas.

O glossário de crítica textual presente no *site* da Universidade Nova de Lisboa apresenta a seguinte explanação sobre a crítica textual moderna: “modalidade da crítica textual aplicada a textos com original disponível, com o objectivo de o editar, corrigindo, se

for o caso, os erros introduzidos na tradição impressa.”³⁴ Como exemplo da modalidade apresentada pode-se citar o trabalho dirigido por Carlos Reis (2006) sobre a edição crítica das obras completas de Eça de Queirós, que usou os manuscritos do escritor, quando presentes no espólio, para sanar os erros ocorridos ao longo das diversas edições de sua obra literária.

A edição crítica do texto é dividida, basicamente, em duas partes: a *introdução* e o *texto* propriamente dito. Na primeira parte deve ser apresentado ao leitor todos os elementos históricos e metodológicos relacionados com o autor, com a época e com a obra. Nele estão informações biobibliográficas, tradição manuscrita e impressa, os métodos adotados, abreviaturas realizadas, as normas da transcrição textual. Ao texto deve seguir um aparato crítico, incluindo a genealogia do texto, notas, comentários, o elenco das variantes, fac-símiles, glossário, bibliografia. (AZEVEDO F^o, 2004, p. 72-73).

No caso de haver apenas um manuscrito único, ainda sendo escrito pelo próprio autor, Spina (1977) considera que “o trabalho do editor limita-se simplesmente a reproduzir do modo mais direto a letra do original; as alterações mais importantes introduzidas pelo editor poderão ser mencionadas no aparato.” (p. 138). Sobre as alterações, essas são próprias da correção do manuscrito, “eliminando apenas os erros materiais evidentes, e – como erros – indiscutíveis.” (p. 106). Vale observar que a consideração de Spina sobre a correção dos erros evidentes é mais simples enquanto teoria do que prática, uma vez que existe uma série de elementos que podem soar como erros ao estudioso do manuscrito, no entanto foram da vontade do próprio autor, que estava ciente das consequências estilísticas de sua modalidade.

Ao tratar dos tipos fundamentais de edições, Cambraia (2005) apresenta as edições monotestemunhais – baseadas em apenas um testemunho de texto – como possíveis de serem enquadradas em quatro tipos de edições, de acordo com o diferente grau de mediação do editor em relação à obra. A opção por determinado tipo de edição deve ser fundamentada de acordo com a proposta do trabalho, sendo determinante o público ao qual é destinado. Seguem os tipos de edições possíveis para caso de tradições nas quais há apenas uma prova testemunhal, com diversas reescrituras no manuscrito:

- a fac-similar, através da reprodução mecânica do manuscrito, sem nenhuma intervenção;
- a diplomática, com a transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, inclusive das rasuras;

³⁴ Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#C>. Acesso em: 15 abr. 2013.

– a paleográfica, semelhante à anterior, mas com desenvolvimento de sinais abreviativos, inserção ou supressão de elementos, embora essas operações fiquem assinaladas na reprodução;

– interpretativa, com uniformizações de pontuação, paragrafação, etc., consistindo num maior grau de intervenção do texto por parte do editor.

Ainda há a edição modernizada, que consiste na modernização linguística.

Certos tipos de edições, apontando as variantes da escritura, aproximam o leitor do processo de criação da obra literária. Segundo Spaggiari e Perugi (2004), o interesse pelas variantes próprias do processo de escritura remete ao cardeal Federico Ubaldini, numa publicação de 1642 dos rascunhos autógrafos das rimas de Petrarca. (p. 198). Essa modalidade foi desenvolvida posteriormente, sendo o primeiro ensaio com base na chamada crítica das variantes elaborado por Gianfranco Contini, em 1937, intitulado *Come lavorava l'Ariosto*, a partir da edição dos manuscritos autógrafos de *Orlando Furioso*, organizada, no mesmo ano, por Santorre Debenedetti. (p. 199-200).

Para Spaggiari e Perugi (2004), numa edição moderna, ao contrário das edições medievais, o aparato visa menos a estabelecer o texto na sua autenticidade do que a pôr o leitor em condição de deitar um olhar no laboratório do autor, apresentando a sucessão temporal das emendas, apontando as diversas campanhas de redação (p. 212). Ao atentar para o movimento da escritura e os rastros da criação literária, a crítica textual se aproxima da disciplina que surgiria na década de 1970, na França, a crítica genética. Os críticos textuais consideram a crítica genética uma modalidade da crítica textual, focada no estudo do processo de criação,³⁵ enquanto os geneticistas sustentam sua autonomia em relação à teoria já milenar – discussão desnecessária para o estudo em pauta.

Ao longo do tempo mudam os materiais de suporte, mas perpetua a necessidade do homem de fixar e transmitir suas manifestações intelectuais. A maior tarefa dos críticos textuais é conservar a transmissão dos textos o mais próximo possível da mensagem original, providenciando ao leitor o suporte necessário para a sua acessibilidade. Essa tarefa fica mais difícil em meio a uma época em que o próprio estatuto do texto é questionado e os manuscritos de processo apresentam a importância de uma visão aberta, heterogênea, contrária ao fechamento do texto.

Dentro dos fundamentos da crítica textual, levando em consideração os diversos estágios do desenvolvimento milenar de tal disciplina, é possível encontrar pressupostos

³⁵ Ver Spaggiari e Perugi (2004) e o glossário de crítica textual da Universidade Nova de Lisboa.

teóricos pertinentes para o embasamento da proposta da fixação textual de *Proscritos*. As noções expostas no presente subcapítulo apresentam o movimento inerente ao desenvolvimento do campo teórico ao longo dos séculos, ilustrando as mudanças de suas concepções: da antiga ideia de fechamento do texto, dotado de glosas e observações que determinavam certa interpretação; à apresentação do texto em sua heterogeneidade, constando as variantes escriturais próprias do movimento de criação literária. Essas questões serão avaliadas na proposta de fixação textual, de acordo com as possibilidades do manuscrito e os objetivos que subjazem sua edição.

3.2 Descrição do material

Relativo ao romance *Proscritos*, consta no Acervo Dyonelio Machado dois documentos: o excerto de uma versão do texto, manuscrito a lápis, com 13 laudas, e a versão completa do romance, dada por terminada, a qual será levada em consideração para o trabalho de fixação textual.

A versão final do romance encontra-se datiloscrita, com correções manuscritas, contendo 162 páginas numeradas, distribuídas em 167 folhas de papel (218x280mm.), escritas apenas no recto, com exceção de duas folhas, com anotações no verso. O maço de folhas foi refilado pelo autor, transparecendo certa imprecisão em seu corte.

O manuscrito contém correções em todas as páginas: colagem de recortes datiloscritos efetuando substituições, rasuras e acréscimos com diversos materiais, como a máquina, nas cores preta e vermelha, a caneta nas cores azul, preta, verde e vermelha, a lápis convencional, assim como a lápis colorido nas cores verde, azul e vermelha.

O manuscrito apresenta a datação da escritura do romance, de 11 de fevereiro de 1964 a 7 de julho do mesmo ano, a caneta, o que denota ter sido a data final das correções. Com as páginas já amareladas pelo tempo, algumas com remendos efetivados com fita adesiva, já apresentam certas dificuldades para a sua leitura para além da difícil legibilidade das correções manuscritas.

3.3 Noções preliminares sobre a linguagem literária de Dyonelio Machado

O estudo sobre o manuscrito exige certo conhecimento do estudioso sobre o autor em questão, assim como de sua obra, envolvendo aspectos ideológicos como estéticos. Nessa

etapa serão apresentadas considerações do próprio Dyonelio Machado sobre a linguagem em sua literatura, elementos importantes para o desenvolvimento da fixação textual de *Proscritos*, entre outras questões para a tentativa de aproximação do que seria sua última vontade em relação ao romance.

Na ausência das noções básicas sobre a literatura de determinado escritor, o trabalho do crítico, ainda mais no que tange à fixação textual, pode ser comprometido. No caso de DM, sua literatura é caracterizada por diversos elementos estéticos triviais – como o uso dos grifos em certas palavras ou o estilo de sua pontuação -, podendo soar como erro aos ouvidos de pessoas menos familiarizadas com sua prosa, além de comprometer a leitura de seu manuscrito. Por esse motivo, o estudo dos elementos de sua linguagem literária será fundamentado com o seu próprio testemunho, retirado de anotações presentes em materiais de seu espólio e de entrevistas cedidas à mídia, uma vez que possibilitam o acesso às suas concepções, possibilitando, para a edição de *Proscritos*, uma leitura mais próxima do que seria a edição de seu autor.

Segue um depoimento de DM, importante para elucidar aspectos de sua base intelectual e da origem de sua proposta estético-ideológica, quando questionado por Túlio de Rose (que primeiramente o apontou como um dos precursores do romance brasileiro moderno) se os escritores de sua geração eram seguidores autênticos do Modernismo da Semana de 1922:

Olha, isto é uma piada, que eu deixo correr despreocupado, mas que não corresponde à verdade. Conversando numa das raras vezes, com Mario de Andrade e Osvaldo, vi que eles haviam feito aquilo, lá no Teatro Municipal, quase como pilhéria. E pegou. Mas nós não seguimos a geração de 1922. Os prosadores desta época, principalmente, conseguiram trazer o esoterismo do parnasianismo na poesia para a prosa. Esta tornou-se difícil, misteriosa, esotérica.

Eu não compactuo com este gênero. Minha formação artística despreza o regionalismo, o esoterismo. Eu tenho a base moldada pelo positivismo de Augusto Comte, universalista geral. Uma arte feita para o maior número de pessoas entenderem. E assim foram os romancistas da minha geração. Bastante duradouros porque populares. Nós não seguimos os modernistas, que pareciam viver nas nuvens. A nossa tradição prende-se ao universalismo de Monteiro Lobato, por exemplo.³⁶

DM revela não ter sofrido nenhum tipo de influência do movimento inaugurado com a Semana de Arte Moderna. Sua referência remete ao século XIX, uma formação positivista, universalista, o que reflete na função de sua literatura assim como na linguagem e nos temas abordados. A crítica central do escritor sulino sobre os modernistas diz respeito à falta de

³⁶ ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975.

acessibilidade da prosa, que se tornara de difícil apreensão, esotérica e misteriosa, contrariando as ideias sustentadas por Augusto Comte, que formam as bases do positivismo.

A literatura de DM se enquadra no que Dacanal (2001) nomeia *neorrealismo*, ao dividir os romancistas da geração de 1930 em dois grupos. É uma vertente de caráter urbano, atenta à verossimilhança, com uma linguagem acessível própria do código urbano culto, a fim de propiciar uma apreensão mais ampla da ideia expressa, uma vez que atende a uma proposta de ação social. A própria associação da literatura como um espelho que passeia ao longo de uma estrada também relaciona-se com essa concepção de uso da linguagem, na noção de refletir invariavelmente o que mira, assim como as estruturas históricas perfeitamente identificáveis, próprias dessa literatura de caráter urbano.

Em 1922, DM escrevia *Política contemporânea: três aspectos*, publicado em 1923, o que já definia sua vertente e o seu distanciamento em relação à primeira geração do Modernismo. A questão dos neologismos e dos termos regionalistas é criticada pelo escritor sulino, uma vez que não possibilitava maior circulação da literatura, contrariando sua proposta universalista. Num manuscrito presente no Acervo Dyonelio Machado, intitulado “O assunto é linguagem” – de três páginas datiloscritas, com correções a caneta e a máquina, sem indicação de sua finalidade, possivelmente de meados da década de 1970 -, DM discursa acerca da sua linguagem literária e sobre a recepção crítica de suas duas primeiras obras no campo da ficção. O manuscrito apresenta noções importantes relacionadas aos neologismos e termos regionalistas:

Penso que, em matéria de linguagem, fui além deles. Quero dizer: de Mário de Andrade e de Guimarães Rosa. Não a deforme, porque não fui tão longe: a recuperei, – buscando-a na língua de toda a gente. Tenho horror a neologismos. Como também a termos de circulação muito limitada, sejam eles da linguagem erudita, sejam eles regionalistas. (mss. “O assunto é linguagem”, s/d).

DM expressa a sua busca pelo desenvolvimento de uma linguagem o mais universal possível, coerente com os fundamentos de sua formação. Ao discursar sobre os neologismos dos escritores contemplados na citação, o autor confessa que não lhe “agrada a gloriola besta de ter criado uma palavra nova”; versado no estudo erudito – como o grego e o latim -, busca, pois, recuperar o sentido das mesmas na língua do grande público, desprezando o que pode limitar sua circulação e acessibilidade. Afinal, a linguagem, em seu ofício, não é um fim, mas um meio de expressar algo, sem a qual não seria possível, como observa em “O assunto é linguagem”:

A verdade é que a linguagem, no que eu escrevo, é eminentemente acessória: é o instrumento com que construo (ou desejo construir). É a tinta ou a tela do pintor; a

pedra comum, o mármore, o simples gesso do escultor; o tijolo, a pedra do pedreiro. Algo com que se possa exprimir uma coisa. (mss. “O assunto é linguagem”, s/d).

A concepção da linguagem como um termo acessório expressa o objetivo do escritor em relação à mesma, a importância conferida ao conteúdo. O objeto a ser comunicado deve servir-se da língua de maneira precisa, visando à acessibilidade pelo mais amplo público. Assim como o escultor lapida sua pedra de modo a ficar só o necessário para sua expressão artística, DM lapida sua linguagem, não deixando nada mais que o necessário para concretizar suas histórias: “É preciso encontrar o substantivo, que tenha dentro de si um adjetivo.”³⁷

Nos manuscritos presentes no Acervo Dyonelio Machado é possível contemplar a busca pela palavra certa, ilustrada nas diversas escrituras de sua prosa. Em certas correções, nota-se o trabalho para deixar sua linguagem o mais próxima do natural, da língua falada. De frases longas, períodos curtos; organização de parágrafos grandes em menores; despir a linguagem de todos os excessos; sugerir mais que explicar. Sua prosa, a partir de *Um pobre homem*, 1927, vai ficando cada vez mais econômica – também mais sugestiva –, com termos próprios da língua falada, até mesmo vulgares, o que lhe rendeu críticas negativas, como o trabalho de Moysés Vellinho em *Letras da Província*, 1944, ao qual o escritor refere-se em seu manuscrito “O assunto é linguagem”.

Um dos pontos criticados por Vellinho, ao tratar da literatura de DM, é a presença recorrente de palavras grifadas, que também são encontrados no romance *Proscritos*. Por vezes são palavras sublinhadas, outras em negrito, em caixa alta, itálico, variando segundo a vontade do autor, mas também – provavelmente – de acordo com os editores, exercendo um efeito estético interessante na recepção da obra por parte do leitor. A observação presente em *Letras da Província* expressa o quanto a linguagem de DM, em especial os grifos, rompia com os moldes literários da época:

Tal expediente, bem pouco literário, levou o romancista ao desprezo mais completo pelos recursos que o pleno conhecimento e domínio da língua vulgarmente oferecem. O sr. Dyonélio Machado rompeu com a tradição e entrou, não apenas a cortar excessos, mas a despir, a desbastar o estilo de suas carnes próprias, a desfalcá-lo de sua própria substância, até deixá-lo quase inanimado. Quando deu por isso, viu-se obrigado a restaurar, por meios que me parecem muito discutíveis, os elementos normais de expressão e locução, sacrificados pela sua fúria autofágica. (VELLINHO, 1944, p. 86).

A questão dos grifos – entre outros aspectos a ele relacionados, como o caso dos estrangeirismos – é de suma importância para a fixação textual de *Proscritos*, sendo a melhor

³⁷ MACHADO, Dyonelio. Apud: MENDES, Uirapuru. Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31 jul. 1966.

opção para seu estudo as concepções do próprio escritor. No Acervo Dyonelio Machado há uma caderneta intitulada “Protocolo”, que encerra um conjunto de escritos esparsos, desde rascunhos de cartas a estudos do léxico grego. Nela, figura o rascunho de uma carta para uma provável revisora ortográfica, possivelmente da década de 1970, na qual DM apresenta algumas noções sobre o uso dos grifos e dos estrangeirismos, essenciais para a compreensão de sua linguagem literária e para a edição do manuscrito inédito. Sendo um rascunho da carta e não tendo no Acervo a versão final da mesma, relevam-se alguns pontos em que seria pertinente maior clareza do escritor, uma vez a importância de seu conteúdo.

DM começa, no rascunho da carta para a revisora, apontando discussões linguísticas acerca dos estrangeirismos na língua brasileira. Esses estrangeirismos estão nos meios mais acessíveis, até mesmo nos dicionários, e para o escritor, “enriquecem a língua portuguesa.” “Não me vejo num papel de juiz em matéria de linguagem. Se não sublinhei por exemplo o *blagueur* não foi para ajudar o leitor a pronunciar bem, – isso o grifo não dava. Seria aumentar o trabalho tipográfico sem nenhuma vantagem para a linotipia.” Seguindo, DM apresenta uma série de estrangeirismos retirados de dicionários e jornais da época – *blagueur*, *coiffeur*, *know how*, *marketing*, *show* -, justificando certas questões sobre o uso de expressões em língua estrangeira em suas obras: “Quem as fez todos esses arranjos de linguagem? Em primeiro lugar os que falam essas línguas, em segundo, os que a utilizam na escrita, – o escritor em primeiro lugar, quer seja de livro quer de escrita no jornal, tão preciosa como o livro.”

Observa-se que o escritor não tem preconceito para com os estrangeirismos, como os puristas da língua portuguesa, tampouco faz distinção de valores entre a escrita de jornal e a literária. Os arranjos da linguagem começam com os falantes, sendo os estrangeirismos elementos que enriquecem a língua portuguesa e estão presentes em sua literatura. Essa questão é importante para a fixação textual de *Proscritos*, pois o manuscrito apresenta diversos estrangeirismos, alguns estando sublinhados e outros sem nenhum grifo. Na mesma carta, DM propicia noções que ajudam a esclarecer questões importantes para o trabalho de fixação textual: como saber se não foi um descuido do escritor em não manter uma linearidade em seus grifos, ou se os mesmos são meramente marcas para uma virtual correção? Segue a explicação:

Um grifo observa-se para o fim de dar mais conteúdo a uma palavra, o mais das vezes da própria língua. Veja uma edição da *Ática*: nós. Louco do Cati, 8. Mais um exemplo: o Borboleta, – que é caminhão, não borboleta. E outros exemplos. Ford. As aspas faziam o mesmo serviço. Chofer, sem boa correta grafia e sentido. À medida que as palavras se tornam conhecidas perdem o grifo: Borboleta. (caderneta *Protocolo*, s/d).

Algumas palavras são, primeiramente grifadas, a fim de conferir outra conotação e, uma vez realizado esse deslocamento no eixo semântico, não é mais necessário o uso dos grifos. Tal propósito, de buscar outro sentido à palavra, confere uma propriedade simbólica às mesmas, uma vez que “o simbólico identifica-se com a existência, em qualquer linguagem, de estratos de segundo sentido.” (ECO, 2003, p. 135). De acordo com o contexto da obra, os estratos de segundo sentido encerram distintos significados, que intensificam e sugerem acerca da carga semântica das palavras salientadas. Tais deslocamentos semânticos atuam de forma sutil e poética, exigindo do leitor uma abertura de espírito, uma sensibilidade em consonância com a narrativa e sua fruição.

A linguagem, próxima à língua falada, tem a capacidade de aproximar o leitor do fluxo de pensamento da personagem que, por vezes, se mescla ao discurso do narrador. O fluir do pensamento assemelha-se muito mais à linguagem falada do que à escrita, e DM aproxima o leitor do fluxo dos pensamentos e angústias que tramitam na mente de suas personagens. Ao adjetivar de forma simples a narrativa, faz com que o leitor considere em sua subjetividade qual dos adjetivos contidos dentro de um substantivo lhe convém, identificando-se ainda mais com as vivências relatadas. Tal “fluxo de consciência”, termo cunhado pelo psicólogo William James “para definir o fluxo contínuo de pensamentos e sensações na mente humana” (LODGE, 2009, p. 51), é desenvolvido por Dyonelio numa naturalidade a criar a ilusão de acesso íntimo à mente da personagem, para a qual sua profissão certamente foi fator determinante.

A simplicidade da linguagem na prosa de DM é apenas uma vestimenta que esconde a profundidade e a capacidade semântica que encerra, tanto no nível de seu conteúdo como na estética de sua expressão. A partir das considerações do presente subcapítulo fica claro que a poesia sobre o trivial é complexa em sua simplicidade, constituindo um desafio à fixação do texto de *Proscritos*. As ‘miudezas’ da linguagem – como o uso de palavras grifadas – são engrenagens de sua poética, organizadas num todo orgânico e em diálogo, numa naturalidade próxima da língua falada, mas de uma profundidade interpretativa e simbólica. As considerações de DM sobre sua linguagem literária contribuem para a leitura de seu manuscrito e para uma maior aproximação do que seria o texto editado por ele mesmo.

3.4 Proposta para a edição

Proscritos materializa boa parte de seu processo de criação, o labor de DM ao desenvolver sua prosa: todas as páginas estão rasuradas, com diversas supressões, acréscimos, sendo difícil a apreensão do que poderia ser considerada a última vontade do autor. As correções e os acréscimos no manuscrito foram feitos, em sua maioria, a mão, numa caligrafia de difícil legibilidade; ainda, o documento apresenta danificações impostas pelo tempo, assim como pelo próprio movimento de escritura. Sendo assim, urge a necessidade da fixação textual de *Proscritos*, de modo a estabelecer o texto final segundo consta nos documentos deixados pelo escritor, a fim de providenciar uma edição inteligível ao grande público, assim como era vontade de seu autor.

Um trabalho de fixação textual ignorando as reescrituras de DM no desenvolvimento de *Proscritos* seria, por outro lado, privar o leitor de um exemplo vivo da escrita em movimento. Nesse sentido, para além da fixação textual, propõe-se uma edição fac-similar, uma vez que possibilita maior acessibilidade do documento, podendo estimular estudos voltados para o processo de criação, além de ilustrar a beleza plástica do manuscrito. A edição fac-similar viabiliza uma experiência única para o leitor: adentrar o laboratório do autor, ver os mecanismos próprios de sua psicologia da criação, reconhecer o mesmo como um ser humano, que luta nas diversas reescrituras em busca de um melhor texto.

A fixação textual de *Proscritos* deve ser acessível ao grande público, motivo pelo qual as supressões e as substituições não são assinaladas, a fim de permitir maior acessibilidade e fluidez. A linguagem é atualizada, mas propõe-se manter o texto o mais fiel ao original quanto possível, motivo pelo qual só ocorrem modificações quando houver erros evidentes na linguagem, como o caso de erros de caligrafia, de acentuação, de digitação e de concordância, assim como palavras repetidas, quando não propiciarem outra concepção semântica.

O uso de grifos e a presença de palavras em caixa alta são recorrentes na prosa artística de DM, sendo preservados na transcrição assim como figuram no manuscrito. Existe certa linearidade no uso dos grifos: o escritor opta em certos casos pelo uso de aspas, em outros por sublinhar algumas palavras, atentando para a sensação estética – plástica – do uso dos grifos. No entanto, transcrever os grifos assim como figuram na obra pode parecer simples, mas é uma tarefa complexa, tal um quebra-cabeça, pois exige do crítico averiguar a linearidade dos tipos de grifos em relação às cargas semânticas dos mesmos. Ainda, há certos grifos que foram feitos pelo escritor quando na correção de seu romance, manuscritos, o que

dificulta a sua leitura, por exemplo: há palavras que foram sublinhadas com uma linha ondulada, a mão, sendo necessário averiguar se há uma linearidade nos usos, e optar por uma tipografia que represente a linha ondulada, no presente caso o itálico.³⁸

Ainda sobre os grifos e marcas no manuscrito de *Proscritos*, um dos casos mais difíceis para a fixação do texto é a distinção entre as palavras sublinhadas pelo escritor, as quais podem ser divididas em três grupos: o primeiro consiste de marcações com uma linha reta, a maioria realizada a máquina; o segundo, com uma linha ondulada, em grande parte foram palavras dotadas de aspas, porém posteriormente substituídas por uma linha ondulada; por último, marcas indicando rever certas palavras, usualmente com uma marcação na margem direita da página, salientando a necessidade de retomar o texto. Certas marcas e sublinhados, realizados a mão, não são claros, exigindo abordar toda uma lógica do movimento de escritura de seu autor, ainda correndo o risco de confundir uma com outra modalidade.

A pontuação em *Proscritos* também é algo delicado de se tratar. A pontuação de uma obra literária reserva sua peculiaridade, ainda mais no caso de um escritor da segunda geração do Modernismo, com uma escrita original, econômica e, por mais que – superficialmente – pareça o contrário, poética. Ainda que DM assegurasse sua escrita ser apenas um instrumento para o que trata em suas obras, o seu trabalho com a mesma foi minucioso, cuidando para soar com a maior naturalidade possível, próxima da língua falada. Essa perspectiva acentua o ritmo da linguagem: por vezes as frases curtas soam como um ‘soco’, elevando o leitor a uma pausa na leitura, que se funde com a personagem; outras vezes a linguagem é fluida e envolvente, com sua poesia musical e simbólica. Nesse sentido, busca-se o mínimo possível de interferência na pontuação do romance, havendo a interferência do editor apenas nos casos em que a compreensão do romance seja comprometida, explicitada nas notas de rodapé.

Um ponto problemático do manuscrito é o nome próprio de uma das personagens, o qual o autor não se decidiu, a amante do ex-ministro Macedo Filho. Ela chegou a ser nomeada de três formas distintas ao longo da obra: Maria Alzira, Cassilda e Almedorina, nessa sequência, porém as três opções foram rasuradas. Para a fixação do texto, foi consultado o

³⁸ Aponto a importância das exposições de DM no presente capítulo, sobre o uso dos grifos em sua prosa, mal compreendido por diversos críticos da época. Na fixação textual de parte do segundo capítulo de *Proscritos*, realizada por Maria Zenilda Grawunder, na revista *Continente Sul-Sur*, foram vários os grifos ignorados na apresentação final da obra. Ela foi uma pesquisadora atenta às questões dyonelianas, inclusive sendo uma das responsáveis pela organização do Acervo assim quando faleceu o escritor, mas questiono o porquê da omissão de diversos grifos na transcrição parcial do segundo capítulo da obra, mesmo que sejam constantes na prosa.

terceiro volume da trilogia, o manuscrito de *Terceira Vigília*, onde encontra-se, dentre algumas opções rasuradas, o nome Maria Alzira como definitivo.

Na página 148 há uma questão que deve ser pontuada, visto ser recorrente nas últimas páginas do manuscrito. Ao longo de todo o texto, salvo tais exceções, o nome da amante de Macedo Filho foi escrito de três formas distintas, rasuradas as três opções. Na página 148 figura apenas a primeira opção de nome, “Maria Alzira”, segmento que foi rasurado e substituído por “a mulher”, também rasurado. As páginas 152 e 156 apresentam a mesma questão, porém figurando, além de novamente a substituição de “Maria Alzira” por “a mulher”, também o segmento “a amante”, todos rasurados. Nessa problemática, será apresentado apenas o nome próprio da personagem em sua versão escolhida para a fixação do texto.

Na página 50 do manuscrito encontra-se o nome inteiro da figura do ex-ministro: Joaquim Tavares de Macedo Filho. O Tavares foi rasurado, acrescido do nome Sertório. Posteriormente, nas páginas 115 e 156, o sobrenome Tavares está rasurado, acrescido do Sertório, porém também rasurado. Nesse caso opta-se por anular o sobrenome Sertório do nome da personagem como figura na página 50, considerando que foi um descuido do autor não tê-lo rasurado, assim como o fez nos casos seguintes.

A paginação do manuscrito será apontada em colchetes ao longo do texto, facilitando a comparação entre a fixação textual e a edição fac-similar, sem a necessidade de desviar a atenção do leitor para o aparato de notas.

Há diversos sinais na obra, pontos de interrogação em certas palavras, referências a outras páginas, provavelmente efetuados ao longo dos acréscimos e correções constituintes da escritura em movimento. Uma vez que a obra foi dada como pronta, a atenção é focada o quanto possível ao texto, buscando compreender a lógica dos sinais apresentados, a fim de apresentar o romance no que seria sua versão final, segundo o manuscrito legado. Naturalmente o processo de fixação textual envolve certa parcela interpretativa, levando em consideração a quantidade de correções presentes no texto, de difícil legibilidade, além de lacunas que seu escritor deixou em aberto.

Considerando a subjetividade inerente ao trabalho científico e a dificuldade para a fixação textual do manuscrito de *Proscritos*, o presente estudo apresenta duas edições para o romance: a fixação textual, com maior interferência do editor, visto a importância que tem para a acessibilidade da obra; e a edição fac-similar, de modo a apresentar aos leitores a fonte primária, sem nenhuma interferência do editor, possibilitando, para além dos estudos voltados

para o processo de criação, a contemplação da escritura em movimento, ilustrando o árduo trabalho que, independente da inspiração das musas, o ofício de escritor demanda.

A edição fac-similar é desenvolvida com o auxílio técnico de Cassio Mattar Raabe, artista plástico e designer gráfico. O primeiro momento consiste no registro fotográfico de cada fólio do maço de *Proscritos*, em alta resolução, para então as imagens passarem por um tratamento digital, com o intuito de corrigir as distorções próprias do processo de digitalização e de sua reprodução impressa, buscando o máximo de fidelidade com o original. A presente dissertação apresenta a edição fac-similar digitalizada, num DVD, possibilitando a ampliação das imagens para melhor leitura, ainda a impressão dos fólhos relativos ao primeiro capítulo da obra.

3.5 Aparato crítico

Para a fixação do texto e para o desenvolvimento do aparato de notas, são usados os seguintes sinais a fim de esclarecer as decisões do editor frente às dificuldades encontradas na leitura do manuscrito:

[abc] emenda por conjectura.

[illis.] palavra ilegível.

abc / abc indecisão do autor sobre duas palavras. No corpo do texto figura apenas a segunda opção, sendo no aparato de notas explicitadas as duas palavras.

abc] abc substituição realizada pelo editor, explicada no aparato de notas.

4 FIXAÇÃO DO TEXTO³⁹

³⁹ Pelo fato de ser um texto inédito, com intenção de ser publicado, o mesmo será omitido.

CONCLUSÃO

Proscritos, obra proscrita de um escritor maldito, apresenta os pressupostos estéticos da literatura de Dyonelio Machado assim como simboliza a própria história do manuscrito, refletindo as dificuldades editoriais que seu autor sofreu e o descompasso de suas ideias com as de seu tempo. Quando vida e obra coexistem de maneira indelével, a realidade da primeira é colorida na ficção: o romance fixado expõe a corrupção das engrenagens sociais que ao mesmo subjugarão, como a tirania e a arbitrariedade do poder político e do sistema capitalista.

A biobibliografia que inicia a dissertação apresenta a relação entre vida e obra, não apenas no que tange à produção ficcional de DM, mas também ao âmbito da Medicina, do Jornalismo e da Política. Tal relação se deve muito pelas concepções do intelectual, que podem ser expressas através de suas ideias centrais sobre literatura: um mecanismo de sublimação das vivências do artista e um espelho que passeia ao longo de uma estrada. Daí surge a importância conferida ao envolvimento com o seu tempo, relação a qual DM não se restringiu à literatura, entrando em combate com a ideologia de sua época.

A vida política de DM – o envolvimento com a Aliança Nacional Libertadora e os consequentes dois anos de prisão, de 1935 a 1937, assim como sua eleição à Assembleia Legislativa pelo Partido Comunista, em 1947 – influenciou sobremaneira a recepção de sua obra e é comumente reconhecida como fator principal para a falta de aceitabilidade e circulação da mesma. Estigmatizado pela atuação política de ideologia marxista, sobretudo em seu Estado – o qual considerava de mentalidade extremamente provinciana -, aliado à crise do sistema editorial – apontada em entrevistas pelo escritor -, sua obra, apesar das premiações recebidas, foi pouco reconhecida, tendo os editores interesse apenas em *Os ratos*, de 1935, ignorando os originais que passaram anos engavetados, até mesmo depois da morte do autor.

Apesar do cunho social da literatura dyoneliana, o escritor afirmou em entrevistas que nunca fez política na ficção. No capítulo sobre as dificuldades editoriais de DM, foi exposto um depoimento em que o mesmo afirmava que antes de sua prisão, em 1935, ano do lançamento de seu primeiro romance, *Os ratos*, sua literatura já não era bem aceita, sobretudo no Rio Grande do Sul, motivo pelo qual nunca teve uma “*bonne presse*”. Sua posição social era apenas um pretexto para se cultivar essa falta de simpatia, sendo sua obra ignorada ou mal compreendida pelo sistema literário, envolvendo a feitura do livro, sua divulgação, assim

como a imprensa e a crítica. Tendo como fonte de sustento a Medicina, alcançou um expressivo nível de autonomia em sua arte: independente da aceitação do público e avesso às artimanhas publicitárias, continuou escrevendo e estudando até seus últimos anos de vida, mesmo com romances inéditos à espera de edição.

As dificuldades para a circulação da obra literária de DM se devem ao fato de – para além de ser autor de ideias revolucionárias num espaço de tempo de dois regimes ditatoriais – sua literatura apresentar aspectos de vanguarda, tanto temáticos, inaugurando uma vertente focada no homem urbano, de forte cunho social, assim como estilísticos, com denso aprofundamento psicológico, usando a simplicidade da linguagem cotidiana e intensa expressão poética. Na década de 1970, diminuindo a repressão da ditadura, houve um crescente interesse pela literatura “engajada”, momento em que iniciou uma revalorização da obra dyoneliana. O autor teve diversos romances – prontos há anos – então editados no centro do país, porém deixou ainda obras inéditas pela falta de interesse editorial.

Proscritos é o segundo volume de uma trilogia que teve apenas sua primeira parte publicada, *Endiabrados*, o qual foi editado cerca de vinte anos após estar pronto, em 1980, obra vencedora do Prêmio Jabuti de melhor romance do ano. Escrito em 1964, *Proscritos* foi dado como pronto, segundo consta no manuscrito, sendo seu nome indicado em entrevistas cedidas para a mídia, nas frequentes perguntas a seu autor acerca de seus trabalhos inéditos pela falta de interesse editorial. Com o manuscrito presente no espólio do escritor, Acervo Dyonelio Machado, no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, a proposta de edição do romance mostra-se pertinente, tanto para a valorização de uma obra proscrita do sistema literário brasileiro de um escritor já canonizado – concretizar o desejo de seu autor de publicar o romance que foi silenciado pela consciência conservadora de sua época -, assim como pela digitalização do manuscrito, possibilitando maior divulgação e acessibilidade, aproximando o leitor curioso e os estudiosos da genética dos textos do pleno processo de criação de DM, expresso nas reescrituras que vão compondo a obra.

Para o processo de fixação textual de *Proscritos* foram desenvolvidos os pressupostos teóricos da crítica textual pertinentes ao tema do trabalho e um estudo sobre a linguagem literária de Dyonelio Machado, segundo as concepções dele mesmo, em depoimentos e cadernetas, ajudando a estabelecer os fundamentos da proposta para a edição do romance. Os materiais do espólio do escritor contribuíram para uma leitura do manuscrito mais próxima da de seu autor, elucidando pontos problemáticos, como o caso dos estrangeirismos e o recorrente uso de grifos em sua prosa.

Ao longo do desenvolvimento da fixação textual, com a atenção focada na escrita, tornou-se claro que a linguagem literária de DM foi um dos principais motivos para a má recepção de sua ficção, frequentemente justificada por sua ideologia política. A linguagem foi um dos aspectos mais rechaçados pelos críticos da época, por vezes agressivos, alegando o intelectual não saber escrever ou não ter estilo. Para além das intenções de universalismo e acessibilidade do autor de *Proscritos*, expostas em entrevistas e documentos de seu espólio, sua escrita exige do leitor, instiga o raciocínio, exercita a sensibilidade e percepção para a sugestividade e abertura semântica da prosa. Nesse sentido, carecem estudos sobre a linguagem literária de DM, sobretudo na perspectiva simbólica, própria da dimensão poética, questões dissertadas pelo artista em diversos materiais de seu Acervo.

O tema central da poética de DM é o trivial, a banalidade do cotidiano, porém elevado à potência artística através de um aprofundamento psicológico e por meio de uma linguagem simples, de uso comum, trabalhada em busca da *mot juste*, cuidando o ritmo que mimetiza o próprio conteúdo, assim como a amplitude interpretativa própria da literatura. A leitura do manuscrito foi dificultada por suas reescrituras, representando o campo de batalha que é o processo de criação, ilustrado nos cuidados do escritor com os mínimos detalhes de sua linguagem. Essa importância conferida aos detalhes, difíceis de serem apreendidos, exigiu do processo de fixação do texto bastante atenção e uma conduta humilde por parte do estudioso.

Considerando as condições do manuscrito e as peculiaridades da poética de DM, visto o objetivo da fixação textual ser o preparo de uma edição para o grande público, o trabalho foi desenvolvido buscando o mínimo de interferência do editor no texto, atentando apenas para o que seria sua última versão. A linguagem foi atualizada, erros evidentes foram corrigidos, porém algumas questões exigiram certo posicionamento do crítico, como no caso do nome de uma personagem sobre o qual o autor não se decidiu até o fim da obra, ou quando foi necessário realizar emendas por conjectura. Tais posicionamentos foram apontados na proposta para a edição e no aparato de notas conjuntas ao romance fixado.

“Acabar” um romance pelo escritor é uma ousadia – assim o digo pois também sou escritor -; no entanto, no caso de *Proscritos*, justifica-se por sua própria história, pelas intenções de DM, assim como por sua importância histórica e literária. Estudiosos do processo de criação a partir dos manuscritos questionam a ideia de um texto como algo acabado e rígido, considerando sua edição uma necessidade que obriga a ser fixada uma versão final. DM mencionou em entrevistas seu romance estar pronto, assim como consta um “FIM” na última página do manuscrito, em sua primeira redação a máquina; no entanto,

seguiu trabalhando o texto, o qual, após inúmeras reescrituras, ainda ficou com partes em aberto, além de diversas interrogações que indicam rever determinados segmentos.

Paralelamente à fixação do texto de *Proscritos*, foi desenvolvida uma edição fac-similar do manuscrito, possibilitando acesso direto ao documento, o qual engloba pontos importantes do processo de criação, além de ilustrar a beleza plástica de uma riqueza hoje em dia cada vez mais rara. Primeiramente foi feita uma documentação fotográfica em alta resolução do manuscrito, para então as imagens serem submetidas a um tratamento digital, tendo em vista uma reprodução mais próxima da fonte primária. A presente edição é apresentada em um DVD, possibilitando ampliar a imagem para melhor leitura, ainda contando com o primeiro capítulo impresso, visto conferir outra sensação aos leitores. Idealiza-se uma edição impressa contando com a fixação do texto e a edição fac-similar em conjunto, o que não foi possível realizar na dissertação visto seu significativo preço de custo.

Ao desenvolver o presente estudo, considerando a introdução ao texto até sua edição, observa-se a coerência do intelectual em relação às suas concepções pessoais, sua atuação no âmbito sociocultural e sua ficção. A literatura transpira sua própria pessoa: em *Proscritos* – assim como em outros romances – é possível evidenciar de forma nítida acontecimentos da vida de DM transformados em ficção, contando inclusive com um personagem que em certos aspectos se aproxima de sua pessoa: o médico e escritor Marco Aurélio Roderico. Sua arte tem muito da própria realidade pessoal, cuja ampla formação e a sensibilidade aguçada permitiram desenvolver uma obra densa psicologicamente, de inovadora poesia e temática, numa autonomia e integridade crítica que entraram em conflito com seu contexto.

Com o resgate de *Proscritos*, ilustrado com as ideias valiosas de seu autor sobre diversos segmentos de nossa sociedade assim como sobre sua poética, surgem duas questões, sobre as quais o presente estudo trabalha indiretamente: qual a função da literatura? O que é literatura? Mesmo sem ter perspectiva de publicar, DM continuou escrevendo, como uma exigência interna às contingências externas. Essa autonomia deixa como legado, sobrevivendo às intempéries do tempo, um romance censurado, destinado a ser resgatado meio século depois de sua realização.

REFERÊNCIAS

- Glossário de crítica textual*. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm#C>. Acesso em: 15 de abril de 2013.
- AMARAL, Amadeu. Bibliografia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1927, p.2.
- AZEVEDO Fº, Leodegário. *Base teórica de crítica textual*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação Editora: 2004.
- AZEVEDO Fº, Leodegário. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença Edições; São Paulo: EDUSP, 1987.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Debates; 24).
- BLECUA, Alberto. Manual de crítica textual. Madrid: Editorial Castalia, 2001. (Literatura y sociedad).
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Iniciação à crítica textual*. São Paulo: Martins fontes, 2005.
- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Novo século, 2001.
- ECO, Humberto. *Sobre a literatura*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FREITAS, Décio. In: BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; GRAWUNDER, Maria Zenilda (Orgs.). *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre, 1995.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. *Instituição literária: Análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado*. Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1997. (A).
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. Movimento perpétuo de Dyonelio. *Continente Sul Sur*, n. 4, 1997. (B).
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. In.: MACHADO, Dyonelio. *O cheiro de coisa viva: entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O estadista*. Organização, introdução e notas, Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia, 1995.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. In.: MACHADO, Dyonelio. *Memórias de um pobre homem*. Pesquisa, apresentação e notas por Maria Zenilda Grawunder. Porto Alegre: IEL, 1990.
- HOHLFELDT, Antonio. *Dyonelio Machado*. Porto Alegre: IEL, 1987. (Letras Rio-Grandenses, 10).
- LODGE, David. *A arte da ficção*. Trad. de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- MACHADO, Dyonelio. *Deuses econômicos*. Porto Alegre: Garatuja, 1976.

MACHADO, Dyonelio. *Endiabrados*. São Paulo: Ática, 1980.

MACHADO, Dyonelio. *Fada*. São Paulo: Moderna, 1982.

MACHADO, Dyonelio. *Memórias de um pobre homem*. Pesquisa, apresentação e notas por Maria Zenilda Grawunder. Porto Alegre: IEL, 1990.

MACHADO, Dyonelio. *O assunto é linguagem: notas*. (Acervo Dyonelio Machado, DELFOS, PUCRS, endereço <http://www.pucrs.br/delfos/>).

MACHADO, Dyonelio. *Protocolo: caderneta*. (Acervo Dyonelio Machado, DELFOS, PUCRS, endereço <http://www.pucrs.br/delfos/>).

MEYER, Augusto. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 jun. 1927.

PICCININI, Walmor. História da Psiquiatria: Psiquiatras e Comunistas. 2. Dyonélio Tubino Machado. *Psychiatry online*, vol. 13, n.6. Junho de 2008. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano08/wal0608.php>. Acesso em: 10 maio 2013.

RAABE, Camilo Mattar. *Criação Literária por Dyonelio Machado: A Gênese de Os ratos*. 2011. Porto Alegre: PUCRS, 2011. Monografia. (Faculdade de Letras). Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/10087/7117>.

REIS, Carlos. *Para a edição crítica das obras de Eça de Queiroz: fundamentos e plano editorial*. In: *Crítica textual e edições críticas: em questão*. Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, 2006.

ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

TILL, Rodrigues. *Dyonelio Machado: o homem – a obra*. Porto Alegre: E.R.T., 1995.

VELLINHO, Moysés. Do conto ao romance. *Letras da Província*, Porto Alegre, 1944.

VERISSIMO, Érico. *Solo de clarineta*. Memórias. Porto Alegre: Globo, 1973. v.1.

Entrevistas de Dyonelio Machado:

CARDOSO, Ivan; PIGNATARI, Décio. O centauro dos pampas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno Letras, p. 6.1.-6.2, 21 dez. 1991.

- CARVALHO, Murilo et alii. *O escritor e seu tempo*. Movimento, Porto Alegre, p.17 24 nov. 1975. (A)
- FERREIRA, Jairo. Surpresa para Dyonelio Machado. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 27, 3 fev. 1979.
- GASTAL, Ney. Dyonelio Machado: A literatura está em conflito com a época. *Correio do Povo*, Porto Alegre, Caderno de Sábado, p. 7, 7 jul. 1973.
- MENDES, Uirapuru. Aqui, Dyonelio Machado, romancista do trivial. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31 jul. 1966.
- MONSERRAT Fº, J. DM categórico: “a literatura brasileira acha-se em decadência”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 set. 1980.
- RIBEIRO, Leo Gilson. Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice... e este senhor: DM. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Jornal da Tarde, p. 7, 31 mar. 1979. (Entrevista de DM a Edla van Steen).
- ROSE, Marco Túlio de. Dyonelio Machado, o último dos romancistas modernos. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, p. 38-39, 26 dez. 1975. (B)
- STEEN, Edla van (Org.). Dyonelio Machado. In: *Viver e escrever*. Porto Alegre: L&PM; Brasília: INL, 1982, v.2, p.123-139.

ANEXO 1 – Edição fac-similar do 1º capítulo⁴⁰

⁴⁰ Pelo fato de ser um manuscrito inédito, com intenção de ser publicado, o mesmo será omitido.

